

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ANDRESSA DA CRUZ CAPRECCI

Experiências de uma educadora com a práxis educacional  
Relatos de uma soldada no front

São Paulo

2019

ANDRESSA DA CRUZ CAPRECCI

Experiências de uma educadora com a práxis educacional

Relatos de uma soldada no front

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação, pelo curso de Licenciatura em Educação do Departamento de Comunicações e Artes - CCA, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Roseli Figaro

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

ANDRESSA DA CRUZ CAPRECCI

Relatos de uma soldada no front

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educomunicação, pelo curso de Licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicações e Artes - CCA, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Roseli Figaro

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

Presidente e Orientadora

---

Membro Titular

---

Membro Titular

Local: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Às minhas avós

## **Agradecimentos**

Agradeço às minhas raízes fortes que serão sempre um guia na minha vida, vó Nair e vó Miriam, vó Zé e Vó Roberto.

Aos meus pais Sylvia e Rober que são os grandes incentivadores dessa luta.

À Maria Julia, a irmã que eu desejei muito ter e a relação mais verdadeira que tenho na vida.

Um agradecimento também a Licenciatura em Educomunicação que me transformou, aos professores, os funcionários do departamento e aos sonhadores que cursam essa graduação.

Meu muito obrigada as relações que escolhi ter e são muito verdadeiras, ao João Carlos Megale, meu companheiro dessa vida maluca de São Paulo; a Tatiana que transita em tantos âmbitos da minha vida e foi Luz nesse meu caminho, e ao Thiago Marchini que é uma das pessoas mais inteligentes que conheço.

À Janaina Gallo que é uma inspiração.

À minha tia Marília, Lavínia e ao meu tio Zé, essa família que sempre caminhou junto e vibrou muito. Ao meu tio Ronaldo que me deu livros quando criança.

As inúmeras meninas da Repeca que passaram por esse lar.

A experiência em Portugal que trouxe pessoas queridas em minha vida.

As relações de trabalho que tive foram essenciais por isso gratidão a equipe Catalisadora; a parceira e amiga que tive nesses dois anos, Naíma Rocha; a equipe Educom. Geração cidadã; o Coletivo Edu com DH - Educomunicação em Direitos Humanos e a todos meus alunos que me ensinaram sobre a vida.

Quero agradecer a minha terapeuta Maria Luisa Paiva que teve um papel importantíssimo nessa etapa intensa da graduação.

E por fim a Roseli Fígaro que foi uma grande professora, que me abraçou e me guiou nesse caminho.

*Há que endurecer-se, mas sem jamais perder a ternura.*

Che Guevara

## Resumo

CAPRECCI, A. C. Experiências de uma educadora com a práxis comunicativa - Relatos de uma soldada no front. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação) – Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. [Orientadora: Roseli Fígaro]

O Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo registrar as experiências de uma educadora em formação por meio de vivências práticas e discussões teóricas que fizeram parte de seu percurso. Em um primeiro momento será apresentada a trajetória prática que teve durante a graduação. Posteriormente serão apresentadas as teorias epistemológicas que sustentaram as práticas. Por fim, uma análise sobre a importância dessas teorias para o cotidiano educativo. Após essas discussões serão apresentados os materiais de análise. Os materiais escolhidos serão analisados para identificar as relações de comunicação que permeiam as relações de trabalho. Após essa análise será feita uma interpretação dessas categorizações. A conclusão identificará a importância dessa trajetória na formação da educadora.

**Palavras-chave:** educação, práxis comunicativa, comunicação, prática educativa; trabalho em educação.

## **Abstract**

CAPRECCI, A. C. Educomunicadora experiences with the praxis educomunicativa. Reports of a welded in front. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. [Orientadora: Roseli Fígaro]

The final project aims to record the experiences of a educomunicadora in training through practical experience and and theoretical discussions which were part of your route. In a first moment will be presented the practice I had during graduation. Later will be presented the epistemological theories that maintained the practices. Finally, an analysis of the importance of these theories to the everyday educational. After these discussions will be presented the analytical materials. The materials chosen will be analyzed to identify relationships that pervade job relations. After this analysis will be made an interpretation of these categorizations. The conclusion will identify the importance of this trajectory in the formation of educomunicadora.

**Key words:** educommunication; educomunicativa praxis; communication; educational practice work in educommunication.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclo da Aprendizagem Criativa.....	23
--	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura do relatório I.....	30
Quadro 2 - Estrutura do relatório II.....	31
Quadro 3 – Relatórios utilizados .....	32
Quadro 4 – Legenda de cores .....	35
Quadro 5 – Categorização dos casos.....	35
Quadro 6 – Levantamento quantitativo das macrocategorias e subcategorias.....	61

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>AS BASES TEÓRICAS QUE AMPARAM MEU TRABALHO.....</b>	<b>18</b>
A EDUCOMUNICAÇÃO.....	18
Um breve panorama histórico.....	20
<b>Direitos Humanos.....</b>	<b>20</b>
Educação em Direitos Humanos.....	22
<b>APRENDIZAGEM CRIATIVA.....</b>	<b>22</b>
<b>A PONTE ENTRE AS ABORDAGENS TEÓRICAS .....</b>	<b>25</b>
<b>OBJETOS DE ESTUDO .....</b>	<b>27</b>
LUGARES DE ATUAÇÃO.....	27
Instituto catalisador - Projeto Pontapé.....	27
Governo Aberto - Edu com DH.....	28
RELATÓRIOS .....	30
<b>METODOLOGIA DE ANÁLISE.....</b>	<b>33</b>
O NÃO DITO: A RELAÇÃO DE COMUNICAÇÃO QUE NÃO ACONTECE .....	62
RELAÇÃO DOS ALUNOS COM A AULA .....	63
RELAÇÃO DA EQUIPE ESCOLAR COM O PROJETO .....	67
RELAÇÃO ENTRE ALUNOS .....	68
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E OS ALUNOS .....	68
RELAÇÃO ENTRE O ALUNOS E O APRENDIZADO (FORA DA AULA) .....	68
RELAÇÃO DOS ALUNOS COM AS EDUCADORAS.....	69
RELAÇÃO DOS ALUNOS COM O APRENDIZADO.....	70
RELAÇÃO DOS ALUNOS NA SOCIEDADE.....	71
RELAÇÃO DAS EDUCADORAS COM A AULA.....	71
RELAÇÕES ENTRE AGENTES INSTITUCIONAIS E O PROJETO .....	71
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</b>	<b>75</b>

## APRESENTAÇÃO

Cheguei à teoria porque estava machucada (...) Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (HOOKS, 2017, p. 83).

Durante os anos de graduação tive experiências essenciais para meu desenvolvimento profissional. Foi com a formação teórica em aulas, acompanhamento de estágios, participação em atividades extracurriculares, vivência em outro Continente que pude apreender os caminhos da educomunicação. Dentre os percalços da vida particular que são inseparáveis do sujeito que me constitui, na graduação fui me desenvolvendo e crescendo. No entanto, os desafios, que encontrei e não consegui modificar fizeram-me, gradativamente, adoecer a alma.

Quando compartilhei meus desafios psicológicos com Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Fígaro ela me orientou a buscar em meu Trabalho de Conclusão de Curso um lugar para entender os desafios cotidianos que tenho na vida profissional e não consigo lidar, pois as soluções estão longe do meu alcance. Dessa forma, buscarei revisitar minhas memórias em relatórios que escrevi em equipe, com minhas parceiras de trabalho para compreender as relações de comunicação que permearam as experiências.

Quando me reconheci como soldada no front percebi que lidei com a educação em uma fase sensível e desafiadora, escolas públicas de bairros periféricos de São Paulo. As questões sociais se apresentam em diálogos e ações e os desafios de empoderamento de estudantes que vivem, muitas vezes, em constante luta por seus direitos mínimos. Buscarei resgatar em relatórios institucionais de duas experiências que vivi, narrativas sobre o cotidiano de uma educadora a fim de comprovar minha hipótese sobre o papel libertário que a educomunicação pode ter na vida das pessoas.

## INTRODUÇÃO

Durante um grande período da graduação questionei-me sobre as relações interpessoais que vivi no ambiente de trabalho. Gostaria de compreender a importância da educomunicação para a tomada da consciência crítica dos educandos e investigar como os pilares metodológicos do campo podem orientar o trabalho prático de uma educadora.

Para tentar dar significado e refletir sobre os caminhos que trilhei profissionalmente resolvi olhar para mim mesma, revisar minhas memórias presentes em relatórios institucionais, refletir, pesquisar e gerar uma conclusão acerca dos questionamentos apresentados.

Partindo do princípio da importância da práxis para a educomunicação, quero registrar os desafios escolares que tive para contribuir com o campo. Essa reflexão encontra respaldo nos estudos de Passaggi, Souza e Vicentini sobre a relevância de o profissional da educação refletir e pesquisar sobre suas próprias práticas para potencializar a ação pedagógica. Conforme o excerto:

As pesquisas já iniciadas nos dois eixos chamam a atenção para o fato de os professores se tornarem, na pesquisa (auto)biográfica, sujeitos e objeto de formação. Como afirma António Nóvoa (2002, p. 27), ao refletir e escrever sobre suas vidas, eles enfrentam o dilema de “reconstruir o conhecimento profissional a partir de uma reflexão prática e deliberada”, eles devem “saber analisar e [...] analisar-se”. Isso porque o conhecimento profissional consiste não só num “conjunto de saberes e de competências”, mas também na “sua mobilização numa determinada ação educativa”, que exige uma “análise interpretativa dos fatos no contexto de sua ocorrência e na ecologia de suas relações” (NÓVOA, 2002, p. 41). Tal perspectiva contrapõe-se à ênfase dada ao caráter técnico do ensino e à maneira fragmentada de tratar a relação da pessoa com os saberes e consigo mesma, adotada por abordagens que negligenciam a palavra dos protagonistas sobre a ação educativa. (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p.375)

Nóvoa (2002) citado pelos autores, apresenta que a investigação de um trabalho docente se ancora em alguns pilares: a pesquisa sobre sua prática necessita de atenção e reflexão; requer tempo; a universidade deve ser um apoio; e por fim deve-se difundir os resultados.

Levando em consideração as escutas e observações que se encontram nos registros dos relatórios, o tempo longo que passei com alguns questionamentos, minha posição de aluna na graduação e a possibilidade de produzir um trabalho que acrescentará na bibliografia do curso decidi por estudar minhas próprias práticas.

Nesse sentido, os objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso são de registrar a trajetória de uma educadora, compreender o contexto de trabalho, resgatar memórias em relatórios institucionais e por fim analisar os acontecimentos inseridos nesses documentos.

Dessa forma, farei uma contextualização teórica sobre os pilares que ancoraram minhas práticas. Iniciarei debatendo sobre as discussões no campo da educação, na sequência abordarei os temas Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos, que fizeram parte da minha formação e por fim tratarei da abordagem da Aprendizagem Criativa na qual me baseei para o desenvolvimento de minhas práticas no Instituto Catalisador.

A partir de minhas vivências práticas, selecionei duas experiências que tiveram destaque em minha memória. A primeira é o estágio que realizei no Instituto Catalisador e a seleção de sete relatórios que foram produzidos por mim e pela também graduanda em Educação e estagiária do Instituto Catalisador Naíma Rocha. O segundo objeto de análise será o relatório como Agente de Governo Aberto 2017, pela prefeitura de São Paulo.

Apresentarei minha trajetória acadêmica e prática a fim de conseguir compreender minhas escolhas, posturas profissionais e posições ideológicas. Apoio-me em Josso (2007) que ressalta a importância do conhecimento de si na atividade do trabalho, como aspecto de auto formação.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (JOSSO, 2007, p.419).

Como estou sempre em formação, buscarei em diversas lembranças de minha vida compreender os estímulos que me levaram as minhas escolhas. Essa autobiografia me ajudará, segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p.371), “a dar sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados”.

Nesse sentido, meus primeiros passos na educação começaram quando eu ainda era educanda. Durante todos os anos de ensino fundamental e médio me aventurei pelo ensino público. Nas quatro escolas onde estudei pude conhecer professores excepcionais e com ideologias que me inspiraram, mas também vivi momentos e ouvi discursos questionáveis. Rodeada de carinho e

incentivo dos meus pais, pude crescer como aluna e ‘quebrar os muros’ da Universidade de São Paulo que tem cerca de 63,1%<sup>1</sup> dos estudantes provenientes de escola particulares.

A Licenciatura em Educomunicação foi um ambiente onde pude crescer, expandir minhas visões e aprender a questionar o mundo e suas estruturas.

Em meu primeiro ano de graduação, desenvolvi a iniciação científica com a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Castilho Costa. Essa experiência me proporcionou alguns desdobramentos, como apresentações em congressos e, posteriormente, uma bolsa de mérito acadêmico - subsidiada pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (USP International Office) - para estudar na Universidade de Coimbra em Portugal.

Após o término da pesquisa de iniciação científica, iniciei o estágio no Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisas em Educomunicação, onde dei os primeiros passos no trabalho de comunicação, realizando atividades de organização de eventos, captação de materiais audiovisuais, edição de vídeos, auxílio na produção da revista Comunicação & Educação e diversas outras atividades que me formaram tecnicamente para o trabalho.

Com o final da bolsa de estágio fui para a aventura mais transformadora da minha vida. Com a bolsa da Agência USP de Cooperação, viajei para outro continente para estudar em uma universidade portuguesa. Essa oportunidade foi um momento que me proporcionou muito mais, tive uma imersão cultural e de autoconhecimento. Com a bolsa e muita economia, viajei por onze países e dois continentes.

Vivenciar outros modos de vida me fez questionar ainda mais os arranjos sociais. O tratamento às mulheres que vivenciei no Marrocos, a xenofobia que encontrei em Portugal, a conservação do patrimônio histórico que observei na França e na Itália e uma menor desigualdade social que encontrei em territórios portugueses são alguns exemplos de meus apontamentos empíricos. Por outro lado, passei a valorizar ainda mais a Universidade de São Paulo, que para minha formação acadêmica se sobressai à que tive na Universidade de Coimbra.

Esse conjunto de vivências foram muito intensas e mudaram meu jeito de ver o mundo e me ver no mundo. Esses seis meses me transformaram de uma maneira que nunca imaginei. A volta acabou me transformando ainda mais.

Quando pisei em terras brasileiras, comecei a trabalhar no Instituto Catalisador com a comunicação do Projeto Pontapé. Em minhas atribuições estavam registros audiovisuais, publicações em redes sociais, organização de relatórios entre outros.

---

<sup>1</sup> Dados retirados do site: < <https://jornal.usp.br/institucional/usp-registra-aumento-no-numero-de-ingressantes-de-escolas-publicas-em-2017/>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2019.

Durante o ano de 2017, na USP, tive dois momentos de aprendizado que me modificaram. O primeiro foi a aula de Introdução aos Estudos da Educação com Enfoque Sociológico, ministrada pela professora Maria da Graça Setton. Essa disciplina me colocou em contato com o escritor francês Pierre Bourdieu, por quem me encantei e comecei a transpor os ensinamentos para meu cotidiano profissional, questionando ainda mais as estruturas sociais que se apresentavam a mim.

Nesse mesmo período, comecei a me envolver com projetos e discussões de Educação em Direitos Humanos junto às educadoras Tatiana Luz e Janaina Gallo, com as quais posteriormente formaríamos o coletivo Edu com DH - Educomunicação em Direitos Humanos. Foi nesse contexto de discussão e parceria que, em julho de 2017, participei do Curso Intensivo de Educação em Direitos Humanos no Memorial da Resistência<sup>2</sup> e tive um primeiro contato teórico com a temática.

As contribuições do curso me ajudaram na elaboração do projeto “Fala Silvio!”, que foi o estágio de intervenção que realizei na disciplina de Metodologia do Ensino da Educomunicação com Estágio Supervisionado. Construí, a partir da demanda da escola estadual Professor Silvio Xavier Antunes, oficinas de audiovisual com enfoque em Direitos Humanos. O produto teve como temática o *Bullying*, um problema recorrente na realidade escolar.

Além do estágio, o curso contribuiu para o desenvolvimento do projeto de Educomunicação em Direitos Humanos junto com o Coletivo Edu com DH, no edital de Governo Aberto da prefeitura de São Paulo, com a produção de *podcasts* sobre a temática.

Outro projeto em que eu estava envolvida era o Educom. Geração Cidadã, uma ação interinstitucional, com uma parceria entre a ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação; Colégio Dante Alighieri (Oficina Dante em Foco); Centro Educacional Unificado (CEU) Casa Blanca (Imprensa Jovem); a Coordenação do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal da Educação; Prefeitura de São Paulo; Diretoria Regional de Educação Campo Limpo e a Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP. As atividades visam leitura crítica da mídia e produção midiática com o enfoque na

---

<sup>2</sup> Segundo o site institucional: “O Memorial da Resistência de São Paulo, uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo por meio de sua Secretaria da Cultura, é uma instituição dedicada à preservação de referências das memórias da resistência e da repressão políticas do Brasil republicano (1889 à atualidade) por meio da musealização de parte do edifício que foi sede, durante o período de 1940 a 1983, do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo – Deops/SP, uma das polícias políticas mais truculentas do país, principalmente durante o regime militar.” Endereço eletrônico <<http://memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0>> Disponível em 19 de janeiro de 2019.

cidadania e Direitos Humanos, com alunos de diferentes realidades socioeconômicas e contextos sociais.

Nesse mesmo tempo, iniciei as atividades como representante discente do conselho de curso, um outro espaço de grande crescimento pessoal e profissional.

Foi com esse contexto de pós intercâmbio, contato direto com escolas periféricas, problemas sociais, responsabilidades cada vez maiores e questões familiares que me encontrei em profunda angústia.

O ambiente universitário que uma vez me acolheu também me ajudou a ver as estruturas do mundo com um microscópio, porém me faltou estrutura emocional para lidar com as barbáries. Na metade do ano de 2018, comecei a me reestruturar psicologicamente. Na graduação, continuei as disciplinas e as atividades de representação discente. No estágio, mudei de função e passei a ser educadora do Projeto Pontapé.

No segundo semestre junto à minha companheira Tatiana Luz, apliquei uma oficina de segurança digital com o Núcleo de Estudos da Violência, na escola estadual Amélia Kerr, e aprendi muito ao dar aula para alunos do extremo Sul de São Paulo. A viagem de duas horas até a escola me proporcionou mais um aprendizado na graduação.

Com essas vivências ao longo desses cinco anos, venho me construindo educadora. O Trabalho de Conclusão de Curso é um lugar que escolhi para registrar os desafios e os aprendizados que eu vivi.

Em uma entrevista de Ismar Soares<sup>3</sup> para Tatiana Luz, no livro “Laços de cidadania”, o professor afirma que a “universidade não é capaz de formar educadores”, ele diz que os estudantes que não vivenciam a prática não conseguem compreender o campo. Portanto, o educador se forma na práxis, teoria e prática precisam estar atreladas. Dessa forma, os caminhos que percorri na graduação, dentro e fora da universidade, foram de extrema importância para minha formação. Revisitar minhas memórias fará com que eu compreenda como cada passo que dei me constituiu como profissional.

---

<sup>3</sup> Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo. Bacharel em Geografia e Licenciado em História pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, SP (1965). Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero (1970). Mestre (1980) e Doutor em Ciências da Comunicação (1986) pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado, em 2000, pela Marquette University Milwaukee, WI, USA. Jornalista responsável pela revista Comunicação & Educação, da ECA/USP, desde 1994 até a presente data. Coordenou, de 1996 a 2014, o NCE- Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP.

## AS BASES TEÓRICAS QUE AMPARAM MEU TRABALHO

Nesse primeiro capítulo, apresentarei as bases epistemológicas que sustentam as minhas experiências práticas. Inicialmente tratarei das discussões acerca da Educomunicação que transitam nas duas experiências que estudarei. Posteriormente sobre os Direitos humanos e a Educação em Direitos Humanos, a literatura na qual me aprofundi no edital de Governo aberto. Por fim a abordagem da Aprendizagem Criativa, que utilizei durante os dois anos do estágio no Instituto Catalisador. Vale ressaltar que uma base não exclui a outra, é uma somatória à minha subjetividade. No entanto, o aprofundamento de cada uma ocorreu nos espaços citados acima.

### A EDUCOMUNICAÇÃO

Para compreender sobre o surgimento do campo da Educomunicação deve-se ater às discussões teóricas que substanciam as práticas na área.

O campo tem como preocupação o olhar crítico sobre as mensagens que transitam entre as pessoas, o que elas significam e o que carregam ideologicamente.

Identificar as estruturas de poder que regem os discursos da imprensa impõe considerar as forças que impulsionam e levam-na a expressar ideologias que a cada edição reafirmam os valores próprios do grupo que a sustenta (MOTTER, 2002, p.34)

A recepção da mensagem, sem a criticidade sobre o discurso, desconsidera a diversidade dos sujeitos e retira sua humanidade, inserindo-os em uma lógica superficial tornando-o sujeito alienado (MOTTER, 2002, p. 39).

A educomunicação tem suas bases no questionamento da estrutura da comunicação que parte do princípio de que o receptor é uma tábula rasa. Segundo Gutiérrez, em Soares (2000), a escola contemporânea deveria se ater à sensibilidade humana mais do que ao saber técnico que a escola se propõe. Dessa maneira, busca-se estimular a humanidade e transformar o sujeito em um receptor crítico frente aos valores perpetuados pelas instituições escolares e midiáticas.

O campo da educomunicação é uma área que resultou da realidade latino-americana e vem sendo desenvolvida por diversos pesquisadores. O Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP constatou na década de 1990, em seus estudos, que entre a educação e a comunicação há um novo campo que se realiza em práticas sociais e pode ser nomeado e estudado. O campo está em um processo de consolidação, entre estudos realizados com pesquisadores latino

americanos e práticas que se realizam na educação popular e na comunicação comunitária. A primeira hipótese desse novo campo está baseada no paradigma de um discurso transversal (SOARES, 2002).

A segunda hipótese (SOARES, 2002, p.25) é a sua caracterização como “um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo”. A interdiscursividade é o elemento central da discussão.

Por fim, a terceira hipótese revela as áreas de intervenção social do campo: Educação para a comunicação; mediação tecnológica na educação; gestão da comunicação em espaços educativos; reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação; expressão comunicativa por meio das artes; pedagogia da comunicação e produção midiática educativa (SOARES, 2002).

Barbero (2011) apresenta o conceito de ecossistema comunicativo. O autor diz que uma de suas características é a relação do ser humano com o espaço e com o tempo, uma nova maneira de sentir, que Walter Benjamin considera como um *sensorium*, essa relação é mediada com por meio das novas tecnologias que substituem o analógico pelo digital.

A segunda característica apresentada é a descentralização do saber. Para Barbero o saber é considerado um sinal de poder. Em outros tempos a escola e a igreja eram lugares de muito poder, pois eram centralizadores da informação. Atualmente nota-se uma fragmentação do conhecimento em diversos espaços e ele não está somente contido em algum ambiente.

Por fim, Barbero ressalta que o aluno chega com muito conhecimento em sala de aula, que foi construído através de seu consumo diário de informação. O movimento que ele nota é de um autoritarismo e não de um aproveitamento do professor em relação a isso.

Portanto, a consciência dos educadores em relação aos novos arranjos do ecossistema comunicativo que se apresenta é de extrema importância para ressignificar as práticas educativas. Conclui-se que a fragmentação do conhecimento não garante a consciência crítica em relação ao que se consome. Dessa forma, o papel do educador pode ser voltado à construção do pensamento emancipatório e não somente à reprodução do discurso.

Na Licenciatura em Educomunicação existe a discussão sobre essa realidade a partir de uma bibliografia e discussões, o auxílio e a supervisão para a construção de práticas educativas emancipatórias em disciplinas de estágio. Portanto, percebe-se uma preocupação em repensar a prática educativa.

Um breve panorama histórico

A partir do entendimento sobre os apontamentos teóricos apresentados, esse próximo subcapítulo trará alguns passos importantes da Educomunicação na Universidade de São Paulo. Com pesquisas a todo vapor sobre esse novo campo, em 1993 é iniciada a primeira turma de pós-graduação *Lato Sensu* de Gestão da Comunicação. Após os primeiros passos, em 1994 surge a revista *Comunicação & Educação* e dois anos depois o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE). O NCE desenvolveu diversas pesquisas e trabalhos de campo e isso ajudou no incentivo às práticas de Educomunicação. Nesse mesmo ano a UNESCO elaborou o *Diretório dos Especialistas e Investigadores em Comunicação e Educação* que reúne pesquisadores que atuam na convergência entre educação e comunicação. O I Encontro Internacional sobre Educação e Comunicação aconteceu em 1998 e reuniu estudiosos e interessados na área, 20 anos depois, em 2018 há a segunda edição que ocorre na Universidade de São Paulo.

Em 2001, o NCE, em parceria com a Secretaria Municipal de São Paulo, dá início ao projeto *Educom.Rádio – Educomunicação para as Ondas do Rádio: construindo a paz pela comunicação*. Ele teve um alcance de 455 escolas e objetivou o combate à violência que acontecia na cidade de São Paulo. Foi com essa experiência que as autoridades políticas resolveram criar, em conjunto com o NCE, a Lei municipal 13.941/2004, mais conhecida como Lei Educom (LEONEL, 2018).

A Licenciatura em Educomunicação tem sua primeira turma em 2011, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nesse mesmo ano, o curso de Bacharelado em Educomunicação é iniciado na Universidade Federal de Campina Grande. (LEONEL, 2018).

As pesquisas acadêmicas na área da Educomunicação vem caracterizando e delimitando as práticas educacionais no Brasil. As discussões acadêmicas possibilitaram práticas, as práticas incentivaram à implementação de políticas públicas. Esse ciclo possibilita o entendimento da potência desse campo que emergiu de práticas sociais.

## **Direitos Humanos**

O termo Direitos Humanos vem sofrendo uma distorção e forte ataques por parte da população brasileira. Segundo Gallo (2018) em uma pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos “aponta que,

na opinião de dois em cada três brasileiros, os Direitos Humanos defendem mais os criminosos que suas vítimas”. Mas afinal o que são os Direitos Humanos?

São aqueles direitos considerados fundamentais a todos os seres humanos, sem quaisquer distinções de sexo, nacionalidade, etnia, cor de pele, faixa etária, classe social, profissão, condição de saúde física e mental opinião política, religião, nível de instrução julgamento moral. (BENEVIDES, 2000)

Portanto, os direitos humanos defendem o direito à dignidade humana.

A visão distorcida sobre a importância dos Direitos Humanos pode auxiliar na perda e anulação de muitas conquistas que foram garantidas, ao longo da história, graças à luta popular.

A análise da conquista dos direitos ao longo da história mostra a importância dos movimentos sociais na pressão aos governos para a criação e manutenção de políticas que assegurem os direitos mínimos. Com o movimento de distorção da luta pelos direitos fundamentais perde-se também o grande aliado na luta, a própria população.

Segundo Oliveira (2010), o jurista Karel Vasak iniciou a divisão histórica da conquista dos Direitos Humanos desmembrando-os em gerações. Para Bobbio a primeira geração se caracteriza pelos direitos individuais. Oliveira (2010, p.18) ressalta que esse conjunto de direitos “representam a liberdade do homem contra o poder absoluto do Estado” e os marcos legais foram as Declarações Norte-Americana e Francesa (século XVIII).

A segunda geração são conquistas e acordos ocorridos logo depois a Primeira Guerra Mundial. Eles se caracterizam pelos direitos coletivos e parte do princípio de igualdade, tratando o sujeito em seu contexto social e lutando pela garantia do bem-estar social (OLIVEIRA, 2010).

A terceira geração surge com a organização diplomática de países considerados de terceiro mundo, na época da Guerra Fria que conseguiram colocar novos direitos nos acordos mundiais. Caracterizam-se pela preocupação com a diversidade humana, focando nos direitos ambientais, comunicacionais entre outros que estão relacionados ao progresso e plenitude humana. Um dos marcos dessa geração foi a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 10 de dezembro de 1948, três anos após o término da Segunda Guerra Mundial.

A Declaração é um documento importante pois foi o primeiro acordo internacional, antes só haviam acordos nacionais. Tem como objetivo parametrizar os direitos que devem ser garantidos pelos Estados.

Existem autores que se referem a quarta e quinta geração. A quarta diz respeito à discussão sobre os dilemas éticos das pesquisas genéticas a fim de discutir os parâmetros jurídicos em relação aos avanços da tecnologia. Em 1997 há a Declaração Universal do Genoma Humano e dos Direitos Humanos a fim de garantir esses limites (OLIVEIRA, 2010).

A quinta geração está na fase de construção, mas se baseia na discussão da Internet. Ela abrange a relação da segurança digital, direitos de expressão e até mesmo de educação para as tecnologias (OLIVEIRA, 2010).

Contudo, as gerações de direitos foram construídas e depois nomeadas como tal. As conquistas, discussões e ações para o estabelecimento de políticas públicas são impossíveis de serem desvinculadas dos movimentos sociais. Portanto, com a perda de consciência em relação a importância dos Direitos Humanos é necessário voltar os esforços à educação em Direitos Humanos, fornecendo elementos para o desenvolvimento de uma população crítica que possa lutar e requerer.

### Educação em Direitos Humanos

A Educação em Direitos Humanos tem como base a prática constante de uma educação voltada à mudança de valores, para uma sensibilidade e atenção ao ser humano. O curso de Educomunicação em Direitos Humanos, desenvolvido pelo Coletivo Edu com DH- Educomunicação em Direitos Humanos teve como premissas ideológicas o viés educacional. A educação para uma consciência se faz importante para que os cidadãos tenham conhecimento do que podem requerer do Estado. Quando um indivíduo não sabe sobre o que tem direito, ele também não consegue reivindicar, pois não sabe dessa possibilidade.

Dessa maneira, a educação se volta ao conteúdo de uma dimensão geral sobre Direitos Humanos e suas gerações, tenta desenvolver a consciência dos direitos e deveres e discutir sobre a ética e os valores democráticos (BENEVIDES, 2000).

Vale ressaltar que educação para a cidadania não é a mesma do que a Educação em Direitos Humanos, ambas se complementam, mas igualá-las significa reduzir a educação em direitos humanos à educação cívica voltada ao nacionalismo.

### APRENDIZAGEM CRIATIVA

Outro guarda-chuva teórico com o qual me relacionei é a Aprendizagem Criativa, pois o Instituto Catalisador tem princípios teóricos que fundamentam e orientam as práticas do cotidiano da organização.

A abordagem da Aprendizagem Criativa, elaborada por Mitchel Resnick, é a estrutura central que norteia as atividades. Piaget, em seus estudos, defendia que as crianças constroem seus

conhecimentos através de experimentações e desenvolveu a metodologia Construtivista. Seymour Papert, após o contato com Piaget, passou a trabalhar no Instituto de Tecnologia de Massachusetts estudando o desenvolvimento infantil na expansão do computador. Com muitos estudos, concluiu que a construção feita por crianças em projetos significativos os levaram ao aprendizado e foi esse pensamento que deu origem ao Construcionismo (CAMARGO, LEDERMAN e FRIEDMAN, 2018).

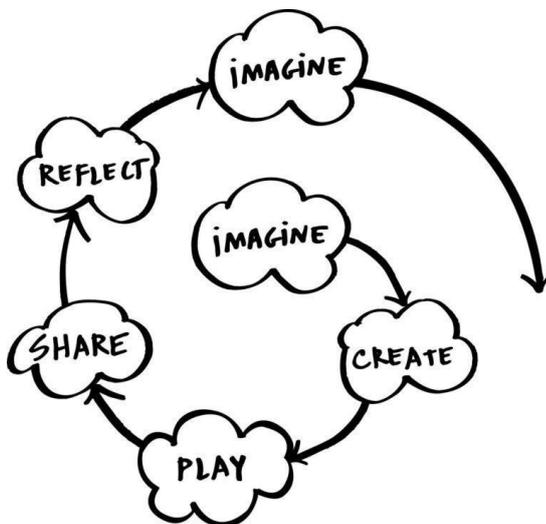
O Construcionismo foi a base para Mitchel Resnick criar a abordagem da Aprendizagem Criativa. Atualmente, Resnick é coordenador do departamento de pesquisa *Lifelong Kindergarten* que se propõe a sistematizar ações possíveis com a premissa de uma experimentação lúdica, em todo o decorrer escolar.

Em seus estudos e observações Resnick criou a espiral da Aprendizagem Criativa. Observando o processo de criação da criança, sistematizou em uma imagem e produziu um material para auxiliar educadores na condução de atividades mão na massa, que buscam a experimentação de materiais, construção de objetos para aprender, ou seja, parte da prática para a construção de um conhecimento teórico.

O ciclo inicia quando a criança imagina, logo depois ela cria, brinca, compartilha, reflete e cria novamente. Esse é um ciclo que se retroalimenta e quanto mais há exposição a essa lógica por meio de atividades mais fácil o indivíduo se deixa criar (RESNICK, 2007).

Segue o esquema gráfico produzido:

**FIGURA 1 – CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA**



Os pilares da Aprendizagem criativa são os quatro P's: parceria, projetos, pensar brincando e paixão. (CAMARGO, LEDERMAN e FRIEDMAN, 2018).

A aprendizagem por projetos tem como foco criar um contexto significativo que instigue o aluno a construir. A partir desse contexto, as parcerias se fazem necessárias para que o projeto esteja também inserido em um contexto social, de relações interpessoais e estimule o educando a aprender a trabalhar em comunidade. O *play*, traduzido pelo instituto como pensar brincando, está relacionado a experimentação lúdica, ao estímulo às tentativas e a naturalização do erro. E, por fim, o sentimento de paixão que surge nesse contexto, o estímulo a descobrir, construir, fazer e refazer (RESNICK, 2014).

Outra abordagem epistemológica que se trabalha no Instituto Catalisador é baseada nos estudos do grupo de pesquisa *Agency by Design*.

Baseados no conceito de Agency de Anthony Giddens, que significa:

'Agency', traduzido literalmente para o português, é agência, e encontramos na teoria sociológica de Anthony Giddens uma definição que cabe perfeitamente aqui: “a capacidade de intervir causalmente em uma cadeia de acontecimentos” (CAMARGO, LEDERMAN e FRIEDMAN, 2018, p.4).

Partindo desses conceitos, *AbD* sistematizou as rotinas de pensamento, esse trabalho foi nomeado como *Project Zero*<sup>4</sup>. As rotinas organizam perguntas norteadoras do pensamento, a serem usadas com um propósito pedagógico de pensar os sistemas e suas partes. As rotinas propiciam a visualização do pensamento, incentivam os estudantes à investigação sobre os sistemas que constroem em seus projetos e estimulam a transposição do pensamento a outros ambientes do contexto social.

Partindo do princípio do conceito de *Agency*, os pesquisadores acreditam que as atividades lúdicas podem incentivar os estudantes na prática da cidadania, pois estimula a capacidade de agir e possibilita a ação no contexto social onde o aluno está inserido.

O Instituto Catalisador possui uma fundamentação teórico-prática que permeia as ações. As atividades e projetos realizados preocupam-se em estimular um novo jeito de se relacionar com

---

<sup>4</sup> Project Zero é um grupo de pesquisa da Escola de Educação Universidade de Harvard que desenvolve projetos “Ancorados nas artes e humanidades, e com o compromisso de fundir teoria e prática, continuamos a trabalhar em direção a um processo e sistema educacional mais esclarecido que prepare bem os alunos para o mundo que eles viverão, trabalharão e desenvolverão.” Informações retiradas do site <<http://www.pz.harvard.edu/who-we-are/about>> . Disponível em 25 de janeiro de 2019.

Uma das ações do grupo é a *Agency by Design* que “investiga as promessas, práticas e pedagogias das experiências de aprendizado centradas no maker.” Pensa em “uma pedagogia responsiva e flexível que encoraja a comunidade e a colaboração”. Informações retiradas do site <<http://www.agencybydesign.org>>. Disponível em 25 de janeiro de 2019

o aprendizado, transformando o conhecimento em uma prática cidadã que pensa no contexto social que a escola está inserida e as individualidades que se apresentam em sala.

## A PONTE ENTRE AS ABORDAGENS TEÓRICAS

Desde que comecei a estudar Educomunicação venho buscando com minhas práticas na educação a construir um ambiente confortável com sentimento, envolvimento, estímulo à pensar e interferir na sociedade. Meu processo formativo me proporcionou e proporciona ainda o contato com o questionamento do mundo, com isso pude aprender e transformar esse pensamento em uma causa de vida.

Foi com esses ideais que fui me munindo de mais conhecimento ao longo das minhas práticas e me aprofundando em reflexões e métodos que pudessem auxiliar na construção de uma postura e de um pensamento.

Na Educomunicação encontrei um espaço para me conscientizar das novas relações de mundo, dos novos arranjos de comunicação que norteiam as relações interpessoais. Essa consciência auxilia no entendimento do papel do educador na sociedade.

Outro ponto a ser destacado é a compreensão de que a informação por si não é suficiente, portanto o senso crítico deve ser estimulado e necessita de uma mediação educativa. Essa mediação se faz necessária para a compreensão das mensagens e da estrutura que elas carregam. Um outro estímulo importante é a educação voltada à promoção e garantia de direitos. O segundo pilar epistemológico que fez parte de minha trajetória foi a Educação em Direitos Humanos. A partir da consciência crítica sobre os meios e mensagens a educomunicação se faz necessária para se construir uma consciência sobre as garantias mínimas de direitos que o Estado deve promover, estimulando a ação dos sujeitos frente aos problemas.

Ainda pensando no estímulo à ação dos sujeitos, o Instituto Catalisador se utiliza do conceito de *Agency* para falar como a abordagem da Aprendizagem Criativa pode estimular essa maneira de agir no mundo.

É através dessa educação que busca sensibilizar e estimular as emoções por meio de estímulos sensoriais e lúdicos que a Aprendizagem Criativa se constrói. A compreensão dos sistemas mecânicos, das construções e a mediação para que haja a transposição dessa consciência para a sociedade e seus arranjos sociais que pode estimular esse sujeito ativo nos problemas do mundo.

Diferentemente da Educomunicação que seus estudos e práticas emergiram na realidade latino-americana, a Aprendizagem Criativa tem seus estudos fortes nos Estados Unidos e se deu em um contexto diferente.

Portanto, sua utilização como abordagem em sala de aula deve acontecer de forma crítica, costurando-se com outras abordagens e buscando coletar a necessidade e contexto do ambiente trabalhado para personalizar as práticas.

Conclui-se que as bases epistemológicas foram importantes para me nutrir como educadora. Cada vertente veio acompanhada de uma prática e foi essencial a práxis na assimilação e experimentação desses discursos, bem como a visão crítica que se constrói a elas.

## **OBJETOS DE ESTUDO**

### **LUGARES DE ATUAÇÃO**

Instituto catalisador - Projeto Pontapé

O Instituto Catalisador é uma Organização da Sociedade Civil que tem como referenciais teóricos a abordagem da Aprendizagem Criativa, e durante dois anos com duas educadoras estudantes da Licenciatura em Educomunicação teve as premissas da educomunicação em suas práticas. A instituição teve início em 2015 com a união de três profissionais com formações distintas - Rita Junqueira era engenheira de alimentos, Simone Lederman se formou em pedagogia e Paola Ricci trabalhava na área da comunicação - e que tinham um interesse em comum, a educação. Em seu site institucional, encontra-se a definição da organização:

Entrelaçando Ciências e Cultura através de práticas “mão na massa” e trabalhando a partir dos princípios da Aprendizagem Criativa, o Instituto Catalisador dedica-se a levar propostas instigantes que misturam materiais convencionais e novas tecnologias, promovendo o encontro de diferentes linguagens, para escolas e espaços educativos e culturais.<sup>5</sup>

Dentre as diversas frentes de atuação da instituição, encontra-se o Projeto Pontapé. Ele teve início em 2017 com a parceria entre o Instituto MRV - frente social da empreiteira MRV Engenharia - e a Diretoria Regional de Ensino Norte 1 responsável pelas escolas estaduais de Pirituba.

Com as obras da engenharia MRV acontecendo na região de Pirituba, todo o trabalho deveria ser realizado em escolas da região, portanto foram selecionadas a Escola Estadual Professor Silvio Xavier Antunes e a Escola Estadual Jornalista Carlos Werneck Lacerda.

Foi a partir do estabelecimento dessa parceria que o Instituto Catalisador iniciou as atividades do Projeto Pontapé.

Com o início do projeto a organização necessitou de uma nova equipe para que as atividades acontecessem.

Nesse primeiro momento do projeto, os estagiários Vinícius Rolim e Naíma Rocha ficaram responsáveis pela aplicação do projeto nas escolas. Enquanto eu fiquei encarregada pelos registros do Projeto Pontapé, pela produção audiovisual e pela parte da comunicação da instituição.

---

<sup>5</sup>Informações disponíveis em:< <https://www.catalisador.org.br/quem-somos>> Acesso em 26 de janeiro de 2019.

No primeiro semestre de 2017, para diagnosticar as necessidades da escola foram realizadas uma sequência de atividades mão na massa com professores, funcionários e educandos. A pergunta norteadora das construções era “O que você gostaria de melhorar na escola?”, a partir das respostas dadas por meio das produções houve a sistematização e entendimento dos sonhos e desejos da comunidade escolar.

Com o diagnóstico feito no primeiro semestre, no segundo foram realizados oito projetos, quatro em cada escola. Com oito turmas e oito professores parceiros.

Grafite, construção de palco, elaboração de uma horta são exemplos dos projetos desenvolvidos ao longo de quatro meses. Para que eles acontecessem era necessário a parceria de um educador, no entanto esse estabelecimento foi muito conturbado, devido às inúmeras demandas que os professores acumulam. A parceria não foi como se esperou e isso foi um ponto forte para estruturar os formatos do próximo ano.

Em 2018 a equipe foi reestruturada, o educador Vinicius Rolim deixou o projeto. Eu e Naíma Rocha, tivemos nossas horas de estágio ampliadas e nossas funções, nos tornamos educadora e fazíamos os vídeos, relatórios e registros do projeto. Além disso mais uma integrante, Nara Schenkel, nos auxiliava quando necessário.

Em 2018, dadas as dificuldades da atuação anterior, um novo modelo foi proposto. Os projetos aconteceriam nas aulas vagas. Com isso foi encontrado um momento na escola de possível parceria, sem conflitos.

No entanto, ainda havia um espaço de possível atuação. No segundo semestre de 2018 houve a proposta de grupos fixos. Diferentemente das aulas vagas, onde desenvolvem-se atividades de maneira espaçada, sem uma rotina fixa de horários, os grupos fixos permitiram estabelecer uma rotina de atividades, com o mesmo grupo de alunos, com um total de doze aulas. Essas características possibilitaram desenvolver um trabalho delineado para os educandos, respeitando as vontades e os interesses do grupo trabalhado.

Contudo ao longo dos dois anos do Projeto Pontapé diversos modelos de trabalho foram utilizados. As bases teóricas foram os fios norteadores das práticas e o material de registro foi um importante produto para a produção desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Governo Aberto - Edu com DH

O curso Edu com DH - Educomunicação em Direitos Humanos foi um trabalho desenvolvido com base nos estudos da Educomunicação e na Educação em Direitos Humanos.

A união de três estudantes da Licenciatura em Educomunicação - Janaina Gallo, Tatiana Luz e Andressa Caprecci - resultou em um curso de 12 horas de duração. O objetivo foi fortalecer a noção de valores básicos e fundamentais, como: liberdade, dignidade, igualdade, justiça e respeito; promover o olhar crítico e trabalhar a autonomia e o protagonismo dos alunos; desenvolver o conhecimento técnico introdutório para produção de comunicação e conteúdo midiático, com enfoque específico no áudio/rádio (Podcast); fazendo com que os alunos se apropriassem de técnicas jornalísticas, tanto para produção própria quanto para o desenvolvimento de criticidade acerca da mídia; trabalhar o potencial das escolas como um ecossistema criativo e aberto a partir da construção coletiva do conhecimento e da formação cidadã.

O projeto foi desenvolvido dentro do edital de Governo Aberto. É um edital que incentiva práticas de participação social na vida política. Para isso, fomenta formações ministradas por pessoas físicas da sociedade civil.

Segundo o site da organização, o programa é baseado na iniciativa *Open Government Partnership*. O programa tem como diretrizes transparência e o acesso às informações públicas; fortalecimento da participação social; fomento à inovação tecnológica; fortalecimento da integridade pública, por meio da prevenção e do combate à corrupção.<sup>6</sup>

A segunda edição do edital, ocorreu no ano de 2017, e subsidiou 56 projetos com quatro eixos temáticos. O primeiro selecionou projetos que visassem a *Transparência, Abertura, Reutilização de Informações públicas e Dados Abertos*; a categoria 2 foram formações que desenvolvessem ações de *Gestão Participativa Inclusiva e Mapeamento Colaborativo*; a terceira delimitou a atividades de *Inovação, Tecnologia Aberta e Inclusão Digital*; e a categoria 4 foram projetos de *Comunicação social, Cultura digital, Mídias alternativas e colaborativas*. Portanto, o projeto *Edu com DH* foi selecionado para essa última categoria apresentada.

Após a seleção no edital o projeto *Edu com DH* foi realizado com três grupos. O primeiro mês de atuação foram com os alunos da turma de 7º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Lilian Maso e aconteceu no Centro de Educacional Unificado Jardim Paulistano. O segundo mês, após algumas adaptações, os professores da Diretoria Regional de Ensino da Freguesia/Brasilândia participaram. A última atuação foi com o público em geral na 5ª Semana de Direitos Humanos de São Paulo. Para encerrar o ciclo foi feita uma audição de todos os *podcasts* na Praça do Patriarca, como parte da programação da 5ª Semana.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/3697>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.

## RELATÓRIOS

Dentro das vivências com o Instituto Catalisador e com o edital de Governo Aberto foram produzidos relatórios para registro das atuações.

Cada experiência possui um modelo de relatório. O primeiro modelo apresentado abaixo foi discutido com a equipe da organização no início do ano, para facilitar os registros. O registro era produzido semanalmente pelas estagiárias-educadoras. Eles eram utilizados como registro interno e enviado ao Instituto MRV mensalmente.

O outro objeto foi produzido para registrar as experiências de Governo Aberto. Ao final da prestação de serviço, as educadoras preencheram o formulário que ficou registrado como documento. O modelo já estava pronto e foi disponibilizado a todos os agentes de Governo Aberto.

O quadro 1 e o quadro 2 apresentam as estruturas dos relatórios.

### QUADRO 1 - Estrutura do Relatório I

<p style="text-align: center;"><b>PROJETO PONTAPÉ - EE Carlos Lacerda e EE Silvio Xavier</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Relatório de atividade:</b></p> <p><b>Planejamento</b> Intencionalidade Pedagógica (construção significado compartilhado); Experiência de Aprendizagem Criativa; Estratégia Pedagógica. Materiais utilizados:</p> <p><b>DESCRIÇÃO</b> CALENDÁRIO DE ATIVIDADES Relatórios Semanais</p> <p><b>REFLEXÃO</b> O QUE APRENDEMOS COM OS ALUNOS Relações com o currículo (através de falas espontâneas dos alunos): Histórias curiosas: Fotos</p>
---

## QUADRO 2 - Estrutura do Relatório II

**Nome da Oficina/ Curso**

**Nome do Agente**

**Resumo da Proposta inicial**

**Objetivos da Proposta Inicial**

**Resumo/ Principais pontos e observações relativos a estes meses**

Informações sobre as Oficinas:

Data dos Encontros

Carga horária da Oficina/ curso

Local/ Equipamento

Participantes

(Quantidade)Perfil dos Participantes

Resultados alcançados a partir dos objetivos estabelecidos

Observações

**Avaliação das Oficinas/ Cursos**

Como você avalia as oficinas/ cursos realizados até agora?

O conteúdo apresentado despertou interesse do público e foi de fácil assimilação?

Houve necessidade de alteração da proposta inicial de trabalho antes ou durante as oficinas?

A duração da oficina foi adequada para atender ao que estava proposto em termos de conteúdo e dinâmica com os participantes?

**Dificuldades encontradas/ Pontos interessantes a serem destacados:**

**Infraestrutura**

os espaços reservados eram adequados às oficinas?

Os pontos de contato nos equipamentos, quando acionados, foram efetivos na solução dos problemas?

Em que os equipamentos poderiam melhorar na recepção dos cursos e no apoio ao trabalho dos Agentes?

**Avaliação do Público e da Divulgação**

É possível traçar um perfil do público participante?

Qual o grupo (por território ou faixa etária) respondeu melhor ao formato das oficinas e ao conteúdo proposto?

Como você avalia a divulgação das oficinas? O que poderia ser feito para melhorá-la?

#### **Avaliação do Núcleo Operacional do Programa e dos Encontros Formativos Mensais**

O Núcleo Operacional do Programa ofereceu o apoio necessário ao longo do ciclo?

Quais mudanças poderiam melhorar os fluxos na relação Núcleo-Agente?

Como você avalia os encontros formativos mensais realizados até agora?

#### **Auto-avaliação**

Como você avalia seu trabalho nestes meses?

O Programa contribuiu para sua formação e trajetória?

#### **Sugestões**

A partir da apresentação dos modelos desses relatórios, será feito um levantamento das produções e colocados na tabela abaixo. No total serão analisados oito relatórios, sendo eles sete na experiência do Instituto Catalisador e um de Governo Aberto.

A escolha de utilizar somente os relatórios do ano de 2018 do Instituto Catalisador se deu devido a ser o ano que atuei como educadora e participei ativamente das relatorias dos documentos.

#### **QUADRO 3 – RELATÓRIOS UTILIZADOS**

<b>Nome do relatório</b>	<b>Autoria</b>	<b>Revisão</b>	<b>atividades descritas</b>	<b>número de páginas</b>
1ºSEM - 2018 _ Relatório_CIRCUIT OS ELETRICOS	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Circuitos elétricos	23
1ºSEM - 2018 _ Relatório_ESCORR EGADOR DE BOLINHAS	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Escorregador de bolinhas	18

1ºSEM - 2018 _ Relatório_ENCERRAMENTO	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Encerramento do semestre	6
1ºSEM - 2018 _ Relatório_ROBISCO <sup>1</sup>	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Robô que rabisca	25
2ºSEM - 2018 _ Relatório_CRACHÁS E COMBINADOS	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Crachás e combinados	13
2ºSEM - 2018 _ Relatório_DENTRO DO DENTRO <sup>2</sup>	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Desmontagem de sucata eletrônica	17
2ºSEM - 2018 _ Relatório_MEU BAIRO <sup>3</sup>	Naíma Rocha e Andressa Caprecci	Simone Lederman e Rita Junqueira	Representação do bairro através de sucatas e sucatas eletrônicas	28
Relatório de Governo Aberto	Janaína Gallo e Andressa Caprecci	Tatiana Luz	Experiência com o projeto Edu com DH	9

## METODOLOGIA DE ANÁLISE

Retomando os primeiros passos do processo de análise, no início busquei fazer um entendimento das minhas experiências. Escolhi as duas pelas quais tive uma remuneração financeira, um aporte teórico e um tempo relevante de experiência.

Com isso, escolhi o Instituto Catalisador onde fui estagiária por dois anos e a experiência de Governo Aberto, que teve duração de quatro meses.

Dos inúmeros registros e produções das experiências resolvi estudar os relatórios escritos.

Vale ressaltar que no Instituto Catalisador selecionei os documentos que produzi enquanto

<sup>1</sup> *Robisco* é o nome da atividade da construção do robô que rabisca. O corpo é contruídos com materiais recicláveis. As pernas são canetinhas. Para que haja movimentação é acoplado um motor giratório ao corpo e colocado no pino giratório um pregador de roupas. A vibração faz o robô se movimentar e riscar o papel.

<sup>2</sup> *Dentro do Dentro* é uma atividade de desmontagem de lixo eletrônicos para a investigação e ressignificação das peças.

<sup>3</sup> *Meu Bairro* é uma atividade de construção de uma maquete com recicláveis para representar o caminho da escola até a casa dos alunos. Foram trabalhados conceitos de escala e mapa afetivo.

educadora, portanto foram sete documentos elaborados no ano de 2018 que relatam sete ciclos de atividades.

O de Governo Aberto foi somente um documento que relata toda a experiência em múltiplos aspectos.

Com diversas leituras do relatório, resolvi fazer um recorte para poder estudar só as informações que serviram para minha análise. Por isso, escolhi a parte “reflexões” no documento do Projeto Pontapé.

A partir de então, transpus cada caso encontrado no relatório do Instituto Catalisador e cada pergunta respondida do relatório de Governo Aberto para uma tabela.

Utilizei o livro *Investigação Qualitativa em educação* (1991) de Roberto Bogdan e Sari Biklen, para auxiliar as metodologias de análise.

Coloquei todas as histórias em uma tabela em ordem cronológica. Apontei em qual relatório estava cada caso.

A análise do material dos relatórios permitiu formular categorias de sentido que aglutinam as atividades desenvolvidas. No primeiro momento, criei subcategorias, intitulado cada história. Após uma segunda leitura, emergiram as macrocategorias. Essas foram sendo nomeadas com a palavra-chave relação/relações. Na verdade, a análise inicial me fez ver que a centralidade de minhas observações destaca as relações de comunicação. Por relações de comunicação entendo que é a troca humana, que ocorre de maneira verbal ou não verbal, e ocorre entre os seres sociais, construindo a subjetividade um do outro a partir das impressões acerca do mundo e perpetuando um jeito de pensar (Figaro, 2008).

Para facilitar a análise escolhi 10 cores para utilizar na tabela de categorização.

Com a categorização das mensagens fiz uma interpretação de cada macro categoria, buscando compreender as relações interpessoais que ocorreram no cotidiano das ações. O quadro 4 organiza todas as cores que codificaram a tabela com os dados. O quadro 5 organiza todos os dados de análise.

**QUADRO 4 – LEGENDA DE CORES**

Relação dos alunos com a aula	Relação da equipe escolar com o projeto	Relação entre alunos	Relação entre a escola e os alunos	Relação entre o aluno e o aprendizado (fora da aula)	Relação dos alunos com as educadoras	Relação dos alunos com o aprendizado	Relações dos alunos na sociedade	Relação das educadoras com a aula	Relações entre agentes institucionais e o projeto
-------------------------------	---	----------------------	------------------------------------	--	--------------------------------------	--------------------------------------	----------------------------------	-----------------------------------	---

**QUADRO 5 – CATEGORIZAÇÃO DOS CASOS**

	Caso	Data	Atividade abordada no relatório	Subcategoria	Macro categoria
1	Muitos alunos de todas as turmas que passamos essa semana perguntaram para nós onde se compra os motorzinhos e os suporte de pilhas, porque eles queriam comprar para fazer o robisco em casa. Alguns perguntaram se eles poderiam dar o dinheiro para nós comprarmos para ele esses materiais.	5/3 a 8/3	Robisco	Interesse nas atividades	Relação dos alunos com a aula
2	Um aluno ao final do encontro comentou que aprendeu que eles são capazes de construir coisas pois no começo achavam não ser capazes de fazer o Robisco e no final conseguiram	12/3 a 16/3	Robisco	Melhoria da autoestima	Relação dos alunos com a aula
3	O diretor Fábio acompanhou uma das aulas.	12/3 a 16/3	Robisco	Parceria	Relação da equipe escolar com o projeto
4	Todos os alunos conseguiram se envolver com o projeto de alguma maneira, trabalharam em grupo e se desenvolveram muito. No final perguntamos se eles acharam que a atividade foi uma aula e eles disseram que sim.	19/3 a 23/3	Robisco	Reconhecimento sobre aula	Relação dos alunos com a aula
5	Uma menina disse que nunca tinha	26/3 a	Robisco	Entusiasmo	Relação dos

	imaginado que podia ser legal usar cola quente.	30/3			alunos com a aula
6	Uma menina que fez atividade em uma das aulas pediu para ficar em outra aula ajudando a gente.	2/4 a 6/4	Robisco	Parceria	Relação dos alunos com a aula
7	Muitos alunos se ajudaram entre si na construção do Robisco. Quando algum aluno tinha dificuldade e o outro já havia passado por essa etapa esse segundo aluno ajuda o primeiro a solucionar os entraves encontrados no processo.	2/4 a 6/4	Robisco	Trabalho em equipe	Relação entre alunos
8	Um menino chegou na sala atrasado e assim que sentou disse que não queria fazer a atividade. Os outros meninos da mesa onde ele se sentou acompanharam ele e disseram que também não queriam fazer. Nós dissemos que não havia problema se eles não quisessem fazer. Mas conforme fomos explicando e o resto da sala foi fazendo o Robisco esses meninos mudaram de ideia e quiseram fazer o robôzinho que rabisca. No final o primeiro menino que chegou já dizendo que não gostaria de fazer foi o que ficou mais feliz quando o robô que ele construiu estava andando	2/4 a 6/4	Robisco	Mudança de ideia	Relação dos alunos com a aula
9	Um professor eventual novo na escola acompanhou um dia de atividades nossas com os alunos. Durante a atividade ele comentou perceber os alunos mais entretidos na atividade proposta por nós. Ele comentou conosco sobre a existência de jogos matemáticos na escola nunca usados antes e disse que a partir da experiência com a gente ele iria usar esse jogos nas aulas que ele fosse cobrir. Na quinta-feira (12/04) quando estávamos passando para ir para sala de aula verificamos esse mesmo professor realmente utilizando os jogos em sala de aula com os alunos	9/4 a 13/4	Robisco	Parceria	Relação da equipe escolar com o projeto

10	Um grupo estava discutindo sobre como fazer a apresentação para os professores e durante essa conversa uma menina deu um tapa em um menino e uma outra menina falou para a primeira menina: “Isso não é trabalhar em grupo, você não pode fazer isso”.	9/4 a 13/4	Robisco	Trabalho em equipe	Relação entre alunos
11	Um aluno disse que se tivesse uma aula assim, como a nossa, todos os dias seria a aula favorita dele.	16/04 a 20/04	Circuitos elétricos	Reconhecimento da aula	Relação dos alunos com a aula
12	Um aluno do 9ºano achou a nossa proposta de introdução do assunto de Circuitos Elétricos (Ciranda da energia Elétrica) inapropriada para essa idade, pois ela é muito infantil, segundo ele.	16/04 a 20/04	Circuitos elétricos	Visões negativas	Relação dos alunos com a aula
13	No final da atividade, quando estávamos fazendo o encerramento um menino comentou que não se importa muito se aprendeu alguma coisa porque não vai usar aqueles conhecimentos na vida dele.	16/04 a 20/04	Circuitos elétricos	Visões negativas	Relação dos alunos com a aula
14	Um dos alunos contou que teve aula de Robótica na antiga escola dele, por isso ele teve bastante facilidade em desenvolver a proposta feita por nós. Depois de ter feito todos os desafios queria desafios novos.	16/04 a 20/04	Circuitos elétricos	Repertório dos alunos	Relação dos alunos com a aula
15	O professor eventual, com formação em Engenharia, acompanhou uma turma e nos ajudou bastante quando estávamos explicando sobre as questões conceituais da atividade.	16/04 a 20/04	Circuitos elétricos	Parceria	Relação da equipe escolar com o projeto
16	Alguns alunos ficaram impressionados quando eles conseguiram fazer o LED acender.	16/04 a 20/04	Circuitos elétricos	Reação positiva sobre a aula	Relação dos alunos com a aula
17	Um grupo de alunos estavam nos esperando na porta da sala, eles começaram a aplaudir e ficaram muito felizes que teriam aula	23/04 a 27/4	Circuitos elétricos	Reação positiva sobre o trabalho	Relação dos alunos com a aula

	conosco.				
18	O diretor de uma das escolas entrou em uma parte da nossa aula para fazer uma roda de conversa, uma nova estratégia utilizada pela escola para ouvir os estudantes.	23/04 a 27/4	Circuitos elétricos	Dinâmica da escola	Relação entre a escola e os alunos
19	Através de uma atividade de escrita descobrimos um estudante do 6º ano que não sabe ler e escrever, ele disse que apenas copia as palavras da lousa ou caderno de colegas e nos pediu ajuda pois gostaria de aprender	30/4 a 4/5	Circuitos elétricos	Realidade social	Relação entre o aluno e o aprendizado (fora da aula)
20	A professora de artes nos contou que fará a atividade do Robisco na outra escola que trabalha.	7/5 a 11/5	Circuitos elétricos	Replicação do trabalho	Relação da equipe escolar com o projeto
21	Uma professora nos pediu o vídeo do Robisco para fazer a atividade novamente com seus alunos.	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	Replicação do trabalho	Relação da equipe escolar com o projeto
22	Uma professora utilizou o filme Extraordinário que usamos também, para falar sobre o Bullying com os alunos.	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	Replicação do trabalho	Relação da equipe escolar com o projeto
23	Um aluno disse que assistiu todos os nossos vídeos no youtube	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	Reação positiva sobre o trabalho	Relação dos alunos com a aula
24	Uma aluna assim que chegamos ficou com o fone de ouvido e disse “a não, não quero fazer nada”. Quando explicamos a atividade ela disse que não sabia fazer, mas quando ela começou a brincar <u>com</u> os materiais ela construiu uma lanterna, com o led e um canudo. Depois de algum tempo aprimorou sua invenção e fez uma bússola de localização no deserto.	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	Mudança de ideia	Relação dos alunos com a aula
25	Quando propomos a atividade um aluno disse, logo de imediato, que já sabia como fazer ter energia no deserto, através da energia solar. A construção dele e do seu grupo foi um sistema de energia solar com placas solares e uma antena.	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	Repertório dos alunos	Relação entre o aluno e o aprendizado (fora da aula)

26	Uma aluna chegou muito brava na sala de aula, falando que aquela era aula de educação física e eles não deviam ficar na sala e se a professora faltou o certo era eles ficarem de aula vaga. Ela chegou com uma postura bastante agressiva, mas depois com a nossa conversa ela ficou mais tranquila e se entretreu o tempo inteiro fazendo a atividade proposta	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	Mudança de ideia	Relação dos alunos com a aula
27	Quando trabalhamos com massinha os alunos ficaram mais calmos	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	efeitos do trabalho	Relação dos alunos com a aula
28	Um grupo de alunas pediu para pesquisar na internet ideias para fazer a criação livre. Após serem inspiradas por algumas imagens na internet fizeram uma prototipação com os materiais disponíveis na aula.	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula
29	Em uma das aulas tiveram alunos que nos contaram que uma colega da mesma sala que eles havia levado para casa materiais que usamos na nossa atividade, materiais como massinha, pilha e caneta. Nosso combinado com os alunos é o de que sempre ao final das aulas eles precisam devolver os materiais para que outras turmas também façam a atividade, portanto o combinado havia sido quebrado. Conversamos com eles sobre a importância da devolução dos materiais e sobre o respeito que eles precisavam ter entre eles e conosco também. Foi uma conversa muito importante e significativa.	14/5 a 18/5	Circuitos elétricos	dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula
30	Uma sala juntou todas as placas produzidas pelos grupos para fazer um escorregador único.	21/5 a 25/5	Escorregador de bolinhas	ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
31	Um grupo teve uma ideia de fazer uma catapulta para colocar no escorregador. Uma das meninas do grupo disse que seria muito difícil de fazer, um outro menino respondeu: "nós somos especialistas em inventar coisas".	21/5 a 25/5	Escorregador de bolinhas	fala dos alunos	Relação dos alunos com a aula

32	Um aluno disse que gosta da nossa aula porque ela afirma a genialidade dele	4/6 a 8/6	Escorregador de bolinhas	Repertório do aluno	Relação entre os alunos e o aprendizado (fora da aula)
33	Uma aluna que acabou de entrar na escola disse em sua primeira aula conosco que achou muito legal a aula.	4/6 a 8/6	Escorregador de bolinhas	Reação positiva sobre o trabalho	Relação dos alunos com a aula
34	Um aluno ao assistir o vídeo que passamos para introduzir a atividade disse: “isso que eles construíram é uma engenhoca né?”.	4/6 a 8/6	Escorregador de bolinhas	Ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
35	Um aluno comentou com a gente que em casa costuma fazer muito esse tipo de atividade.	4/6 a 8/6	Escorregador de bolinhas	Repertório dos alunos	Relação entre os alunos e o aprendizado (fora da aula)
36	Uma aluna disse que não gosta dessa atividade porque ela está errando muito e ela não gosta de errar.	11/6 a 16/6	Escorregador de bolinhas	Repertório dos alunos	Relação entre os alunos e o aprendizado (fora da aula)
37	Em uma das turmas todos os grupos criaram escorregadores de bolinha muito diferentes entre si e muito diferentes dos que a gente já tinha visto. Foi uma sala que criou novas formas de construir o escorregador de bolinhas.	11/6 a 16/6	Escorregador de bolinhas	Dinâmica do trabalho	Relação dos alunos com a aula
38	Uma aluna disse que sempre que vem nessa aula não consegue fazer as coisas e estava triste que o escorregador de bolinha que ela estava construindo estava dando errado. Mas depois de alguns ajustes ela conseguiu fazer a bolinha descer sem nenhuma interrupção, descendo perfeitamente. Ela ficou muito feliz de ter conseguido fazer dar certo a construção dela.	11/6 a 16/6	Escorregador de bolinhas	ação da alunos	Relação dos alunos com a aula
39	Uma professora veio nos procurar contando que fez o Robisco em outra	11/6 a 16/6	Escorregador de	Replicação do trabalho	Relação da equipe

	escola mas ele não andava, então ela listou os materiais que usou. Foi então que percebemos que ela esqueceu do pregador: item muito importante!		bolinhas		escolar com o projeto
40	Uma das alunas disse que a nossa aula é uma das melhores porque ela (a menina) aprende coisas diferentes, inclusive coisas para fazer nas férias quando não tiver nada para fazer	18/6 a 22/6	Encerramento	Reconhecimento positivo do trabalho	Relação dos alunos com a aula
41	Um dos alunos sentou na mesa que eu estava e não queria escrever, perguntei para ele porque ele não queria escrever, ele disse que a letra dele era feia. Perguntei se ele queria que escrevesse para ele, ele disse que não, falei então que ele não precisava escrever. Os alunos iam trocar de mesa e ele quis continuar lá no grupo onde estávamos, depois de um tempo percebi que ele estava escrevendo no papel o que ele tinha aprendido e o que ele já sabia.	18/6 a 22/6	Encerramento	Dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula
42	Um dos alunos disse que se pergunta o porque das nossas propostas. Por exemplo, por que a bolinha precisava quicar, porque era preciso construir o robô	18/6 a 22/6	Encerramento	Dúvida sobre a aula	Relação dos alunos com a aula
43	Um aluno disse que gostaria de ter um encontro que tivesse uma inversão de papéis, em que os alunos desafiam os catalisadores.	18/6 a 22/6	Encerramento	Ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
44	O que entusiasma um dos alunos são os cartazes que espalhamos pela sala. O mesmo aluno disse que o legal dos cartazes é que precisa conversar para entendê-los.	18/6 a 22/6	Encerramento	Ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
45	Os alunos têm muita dificuldade de se expressar e de formular respostas mais complexas.	18/6 a 22/6	Encerramento	Repertório dos alunos	Relação dos alunos com a aula
46	A maioria dos professores substitutos quando estão na sala com a gente não ficam muito atentos às nossas atividades, não participam com os	18/6 a 22/6	Encerramento	Parceria	Relação da equipe escolar com o projeto

	alunos das construções e discussões. Normalmente eles ficam em pé na porta ou sentados muito perto da porta. Muitas vezes dando a impressão de que querem ir embora logo.				
47	Em uma das oficinas catalisadoras um aluno chamou uma das catalisadoras de professora e outro aluno deu risada e perguntou o porquê dele ter chamado ela assim. O primeiro aluno respondeu que era porque ela era professora e o segundo aluno disse ela é professora do que, de fazer crachás? A Catalisadora respondeu que ela era sim professora. E que professor não é somente aquele que dá aula de alguma matéria específica, existem diferentes tipos de professores.	13/8 a 17/8	Crachás e combinados	Reconhecimento da aula	Relação dos alunos com as educadoras
48	Um dos alunos nos contou que faz crochê e tricô e nos mostrou suas obras de arte.	13/8 a 17/8	Crachás e combinados	Repertório dos alunos	Relação entre os alunos e o aprendizado (fora da aula)
49	A Ana Laura, aluna do 6ºD, disse para nós que falou sobre as oficinas catalisadoras para uma aluna nova e a menina ficou tão animada e ansiosa que até comprou um caderninho para ir nas aulas. A Ana Laura disse para ela que não precisava de caderno, mas ela queria ter um caso precisasse em algum momento.	20/8 a 24/8	Crachás e combinados	Reconhecimento da aula	Relação dos alunos com as educadoras
50	No processo de elaboração dos crachás muitos alunos se ajudaram e muitos elogiaram os crachás uns dos outros.	20/8 a 24/8	Crachás e combinados	Dinâmica da sala de aula	Relação entre alunos
51	Quando passamos o vídeo das aulas vagas e o do escorregador de bolinhas na sala do 6ºB da Silvio Xavier os alunos gostaram muito de se ver no vídeo e inclusive alguns deles perguntaram como achavam mais vídeos no youtube e então passamos para eles nosso canal do youtube.	20/8 a 24/8	Crachás e combinados	Reconhecimento do projeto	Relação dos alunos com a aula

52	A Maria Eduarda do grupo fixo do contraturno nos disse que só veio à escola por causa do catalisador, naquele dia ele iria faltar durante o período de aula mas não quis perder as atividades conosco.	27/8 a 31/8	Crachás e combinados	Reconhecimento Positivo sobre ao projeto	Relação dos alunos com a aula
53	Um dos alunos, que participa do grupo fixo, nos mostrou uma foto do Robisco que ele construiu no primeiro semestre de 2018 e ele ainda tinha guardado no celular dele	27/8 a 31/8	Crachás e combinados	Replicação do trabalho	Relação dos alunos com a aula
54	Um dos alunos quando mostramos um modelo de autômato disse que parecia uma caixinha de música, mas sem música	27/8 a 31/8	Crachás e combinados	Ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
55	Durante uma roda de conversa sobre direitos e deveres, os alunos se queixaram sobre a postura de um professor em sala de aula. A partir do entendimento de que poderiam lutar por seus direitos se organizaram para conversar com a direção sobre a postura do professor, fizeram abaixo assinado e uma reunião organizada com a diretora.	3/9 a 7/9	Dentro do dentro	Conscientização de direitos	Relação dos alunos com o aprendizado
56	Os alunos no geral tem muita dificuldade de pensar nos direitos e nos deveres deles e nos direitos e deveres dos professores. Acreditamos que isso vem em decorrência de não terem nenhum acesso a essa discussão em nenhum momento da vida escolar deles.	3/9 a 7/9	Dentro do dentro	Conscientização de direitos	Relação dos alunos com a aula
57	Um dos alunos disse que a gente não era professora e então resolvemos perguntar para a sala quem acha que a gente era professora e quem não achava. A maior parte da sala achava que a gente era professora. Os que não achavam falaram que éramos: "moças que passavam coisas legais, e professora só passa lição", outros falaram que éramos "amigas" e ainda nos chamaram de: "tias" e também teve o complemento de: "tias da reciclagem".	3/9 a 7/9	Dentro do dentro	Reconhecimento da aula	Relação dos alunos com a aula

58	Tem um grupo de alunos em uma das turmas que não gosta de participar das atividades, mas no dia que começamos a desmontar os eletrônicos eles se envolveram bastante	3/9 a 7/9	Dentro do dentro	Mudança de ideia	Relação dos alunos com aula
59	Um educadora compartilhou um trecho de um livro que estava lendo sobre educação, pois, estávamos conversando com os alunos sobre direitos e deveres e a educadora achou apropriado aquele trecho para o momento. E ao final da aula uma aluna agradeceu pelo compartilhamento.	10/9 a 14/9	Dentro do dentro	Criação de laços	Relação dos alunos com educadoras
60	Uma educanda que não participa muito das aulas, foi conquistada pelo robisco. Se concentrou durante uma hora e quarenta no desenvolvimento e produção de seu projeto. A mesma aluna nos disse que foi a primeira vez que fez algo criativo na vida dela.	10/9 a 14/9	Dentro do dentro	Envolvimento na atividade	Relação dos alunos com a aula
61	Uma das alunas quando desmontou o drive de cd disse que parecia um toca disco.	10/9 a 14/9	Dentro do dentro	Repertório dos alunos	Relação entre os alunos e o aprendizado (fora da aula)
62	Um dos alunos no início da aula quando nós estávamos esperando os alunos ficarem em silêncio ele levantou a mão para ajudar a gente a pedir silêncio. Isso porque mais de uma vez ensinamos eles uma técnica de levantar a mão e ficar em silêncio, até todo mundo repetir e conseguirmos falar. O interessante é que ele lembrou dessa técnica sem a gente ter falado nada.	10/9 a 14/9	Dentro do dentro	Reconhecimento do trabalho	Relação dos alunos com a aula
63	Quando um grupo de alunos desmontou um dos eletrônicos e viu uma placa grande verde, com várias coisas nela, um deles disse: "parece uma cidade". Outro falou: "Parece a cidade de Nova Iorque" e outro ainda	10/9 a 14/9	Dentro do dentro	Repertório dos alunos	Relação dos alunos com o aprendizado

	disse: "Parece uma cidade do futuro"				
64	Os alunos estavam bastante agitados.	17/9 a 21/9	Dentro do dentro	Dinâmica da sala	Relação dos alunos com a aula
65	Um aluno nos questionou se escrever sobre direitos e deveres nos levaria a alguma lugar, já que nada muda no ambiente escolar.	17/9 a 21/9	Dentro do dentro	Conscientização de direitos e deveres	Relação dos alunos com o aprendizado
66	Na aula de remontagem um aluno continuou desmontando as peças de um leitor de DVD, quando perguntamos porque ele disse que prefere se dedicar para desmontar ao máximo, senão as peças não serão suficientes.	17/9 a 21/9	Dentro do dentro	Ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
67	Um aluno passou uma aula quebrando as pecinhas de uma placa mãe, pareceu que naquela atividade ele estava muito compenetrado	17/9 a 21/9	Dentro do dentro	Ideia dos alunos	Relação dos alunos com a aula
68	Em um dos grupos que estavam criando uma engenhoca a partir dos eletrônicos desmontados, uma das meninas do grupo perguntou para as outras: Posso colocar isso desse jeito? Todas estão de acordo? Acharmos legal essa pergunta, porque mostra que elas realmente estavam trabalhando em grupo e a opinião de todas era importante.	24/9 a 28/9	Dentro do dentro	Trabalho em grupo	Relação entre os alunos
69	Um menino estava incomodando uma aluna, ele sentou no colo dela, pegou no cabelo e ela estava incomodada. A educadora entrevistou e o aluno parou. Um tempo depois ela foi conversar com ele sobre a importância de respeitar o corpo do outro, de não tocar ou invadir o espaço de uma mulher. No fim da aula a professora perguntou "Hoje você aprendeu a conquistar uma mulher?" e ele respondeu "conquistar eu já sei, aprendi a respeitar!"	24/9 a 28/9	Dentro do dentro	Respeito	Relação dos alunos com a aula
70	Os alunos do grupo fixo da escola	1/10 a	Dentro do	Reação positiva	Relação dos

	Carlos Lacerda gostaram muito de fazer massinha. Eles comentaram com a gente que a atividade foi muito legal. Eles se envolveram durante a atividade inteira, ficando completamente imersos.	5/10	dentro	sobre a aula	alunos com a aula
71	Quando estávamos explicando como seria a atividade para a sala e falamos que era para construir o bairro deles, o caminho da casa deles até a escola, uma das alunas perguntou: “Mas a gente vai fazer isso de novo?” E uma das Catalisadoras respondeu: “A gente nunca fez essa atividade antes.” E a aluna comentou: “Eu já fiz essa atividade na 2ª série” <b>Obs:</b> A partir dessa colocação da aluna, na nossa reunião de planejamento repensamos esse novo ciclo e fizemos algumas alterações para deixar mais divertido para eles essa atividade.	1/10 a 5/10	Dentro do dentro	Dinâmica da sala	Relação dos alunos com a aula
72	Ao acompanhar o professor Willian de português na atividade sobre política, os alunos do 9ºA e 9ºB estavam divididos em 3 grupos; um representando o partido de esquerda, outro o de centro e o último o de direita. O intuito era que os alunos elaborassem propostas no âmbito da educação, segurança, transporte, moradia e saúde. Ao fazerem 10 propostas o grupo escolheu uma delas para apresentar para a sala inteira e os outros grupos votaram se eram contra ou à favor do que estava sendo proposto. Nessa atividade percebemos que quase todos os alunos de ambas as salas eram à favor da pena de morte.	8/10 a 12/10	Meu Bairro	Conscientização de direitos e deveres	Relação dos alunos com o aprendizado
73	Na mesma atividade mencionada acima, encontramos brechas para conversar com os alunos como a educação pode ser uma "arma" no combate contra a violência. Uma das catalisadoras contou para um grupo de alunos que havíamos participado de um Seminário onde o Secretário de Segurança Urbana de Recife	8/10 a 12/10	Meu Bairro	Conscientização de direitos e deveres	Relação dos alunos com o aprendizado

	compartilhou a experiência que eles fizeram para combater a violência da cidade ocupando o tempo livre das crianças e adolescentes com atividades esportivas e culturais. Uma das alunas, falou que gostaria que essa catalisadora fosse professora dela na grade curricular regular.				
74	Uma aluna veio nos mostrar que o dente dela estava quebrado e necrosado por dentro e disse que o pai dela não tinha dinheiro para levá-la ao dentista, mas que estava doendo muito.	8/10 a 12/10	Meu Bairro	Contexto social	Relação dos alunos na sociedade
75	Duas meninas foram pela primeira vez essa semana no contraturno da Silvio Xavier, ao final da atividade uma comentou com a outra que achava que iria para a escola pela manhã para fazer lição, mas percebeu que não era isso e que foi muito mais legal.	8/10 a 12/10	Meu Bairro	Mudança de ideia	Relação dos alunos com a aula
76	No começo das atividades com o grupo fixo da tarde na Carlos Lacerda, estava sendo difícil fazer com que os alunos se interessassem pelas atividades propostas. Em um dos dias de atividade descobrimos que eles queriam mexer com massinha e então no encontro seguinte levamos ingredientes para eles fazerem suas próprias massinhas. Nessa atividade os alunos se envolveram muito e gostaram bastante da atividade. Eles nos falaram que queriam muito fazer slime (uma geleca parecida com massinha). E então nessa semana resolvemos fazer slime com eles. Novamente eles se envolveram muito com a atividade e saíram muito satisfeitos de lá. Perguntamos novamente para eles o que eles gostariam de fazer no próximo encontro e eles disseram que gostariam de fazer argila, então faremos essa atividade com eles. Descobrimos que em atividades	15/10 a 19/10	Meu Bairro	Dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula

	<p>muito mão na massa como essas são atividades que os encantam e resolvemos seguir perguntando para eles o que eles gostariam de fazer, para mantê-los envolvidos em nossas atividades</p>				
77	<p>Uma outra repercussão que teve na escola por conta de estarmos fazendo massinha, slime com essa turma foi a de outras turmas nos pararem nos corredores para nos perguntar quando faríamos essas atividades com a turma deles</p>	15/10 a 19/10	Meu Bairro	Reconhecimento da aula	Relação dos alunos com a aula
78	<p>Na atividade com o 6º B da Silvio Xavier resolvemos explicar a atividade mesa por mesa pois, eles estavam com muita dificuldade de ficar em silêncio e prestar atenção no que estávamos falando. Por isso, os grupos que ficavam em silêncio a gente explicava primeiro. Um pouco antes de começarmos a explicar, a Duda, uma das alunas, nos pediu para ir ao banheiro e deixamos. Assim que ela chegou na sala depois de ir ao banheiro gritou perguntando o que era para fazer, mas as três catalisadoras estavam explicando a atividade para os três outros grupos e não respondemos imediatamente sua pergunta. A aluna ficou muito brava e disse que a gente não prestava atenção nela e que não queria mais falar com a gente e nem ia fazer a atividade. Uma das catalisadoras ficou por mais de 15 minutos sentada ao lado dela e disse que a gente se importava sim e por isso que estava ali para conversar, mas a Duda não quis conversar. Depois de um tempo outra catalisadora foi conversar com a estudante e ela disse que não se importava com a gente e que não queria saber o que a gente tinha para falar. A catalisadora disse que se importava e queria que ela estivesse bem e participasse da atividade. Mas ela não quis conversar novamente. Quando estávamos indo embora uma das catalisadoras se surpreendeu com um abraço da Duda e perguntou se ela não estava brava com a catalisadora.</p>	15/10 a 19/10	Meu Bairro	Mudança de ideia	Relação dos alunos com a aula

	A aluna pediu desculpas e disse que não estava mais brava e também pediu desculpa para a outra catalisadora que tinha tentado conversar com ela na aula mais cedo.				
79	Um aluno que geralmente é super empolgado com nossa aula comentou com uma catalisadora que ele era burro. Ela olhou nos olhos dele e disse que ele não era. Os dois começaram a conversar e a catalisadora descobriu que o aluno tinha muita dificuldade em ler e ele se queixou de não conseguir ler os textos da prova de português rapidamente e por isso ele está de recuperação. A catalisadora conversou muito, disse que ele não é burro e que cada aluno tem um jeito de aprender, ela o orientou a conversar com a professora de português para ampliar o jeito de avaliação. No final o aluno disse que tinha ficado emocionado por ouvir que ele é diferente mas não é burro.	22/10 a 26/10	Meu Bairro	Emoções e laços	Relação dos alunos com as educadoras
80	No grupo do contraturno da Silvio estava chovendo muito e os alunos faltaram, no entanto um aluno chegou um pouco atrasado. Quando terminou a aula a educadora agradeceu de ele ter comparecido e ele disse; “Eu que tenho que agradecer por vocês me darem a oportunidade de ter uma aula assim”.	22/10 a 26/10	Meu Bairro	Emoções e laços	Relação dos alunos com as educadoras
81	Uma turma de sexto ano chegou muito agitada, como não conseguiam acalmar uma educadora sugeriu que todo mundo fechasse os olhos e respirasse profundamente. No final o aluno mais agitado disse: “nossa eu estou muito relaxado agora”.	22/10 a 26/10	Meu Bairro	Dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula
82	Chegamos na escola e o Fábio, diretor, nos disse que tinham apenas dois professores na escola para dar aula. Todos os outros não estavam presentes.	29/10a 2/11	Meu Bairro	Parceria	Relação da equipe escolar com o projeto
83	Na aula com o 8º ano A perguntei para uma aluna se ela queria fixar	29/10a 2/11	Meu Bairro	Consciência coletiva	Relação entre os

	com cola quente uma placa em um pedaço de papelão, ela respondeu perguntando: "Vocês depois vão desmontar para usar com outras turmas, né?" A catalisadora respondeu que sim. Então a aluna disse que então não precisava colar. Achamos bacana a aluna se preocupar com a utilização dos materiais e com os outros colegas.				alunos
84	Uma aluna ao falar da produção dela, falou que ela é "ideiosa", como quem diz que é criativa. Ela estava orgulhosa da produção dela	05/11 a 10/11	Meu Bairro	Ideia dos alunos	Relação dos educandos com o aprendizado (fora da aula)
85	Os alunos no grupo fixo da tarde na Carlos Lacerda se entreteram muito com o material criado pela Catalisadora Paola. O material consiste em peças de MDF em diferentes formatos, que se encaixam através de conectores feitos em MDF também. A proposta da semana com esse grupo fixo foi a de fazer engenhocas que se movimentam com o vento. Mesmo os alunos que não quiseram seguir a proposta criando engenhocas que se movimentam com o vento, criaram outras engenhocas muito interessantes também.	05/11 a 10/11	Meu Bairro	Dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula
86	O Samuel é um aluno que gosta muito da nossa aula, mas tem muita dificuldade de se relacionar com os colegas. Muitas vezes tem atitudes na aula para ter a atenção toda voltada para ele. Essa semana a turma dele estava de aula vaga e foi fazer atividade com a gente, mas o Samuel no começo não estava conseguindo se concentrar para fazer a atividade porque estava implicando com outros colegas. Depois de muitas tentativas de uma das educadoras conversar com ele, ir atrás dele, ele pediu desculpa para ela e voltou para a sala para fazer o trabalho.	12/11 e 16/11	Meu Bairro	Relação conflituosa	Relação dos alunos com as educadoras
87	Os alunos do grupo fixo da manhã na semana anterior nos pediu para fazermos enfeites de natal. A partir do		Meu Bairro	Dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula

	pedido deles pensamos o que poderíamos construir junto com eles. Decidimos fazer mandalas/desenhos em CDs com caneta permanente, botões, fitas, limpadores de cachimbo e decidimos também fazer enfeites de natal com bastidores de bordado, ou bordando ou desenhando com as canetas permanentes. Os alunos gostaram muito da proposta e ficaram orgulhosos das suas produções.				
88	Quando estávamos construindo os enfeites de natal com os alunos do grupo fixo da Silvio Xavier, um dos alunos nossos disse que nunca tinha ido ao museu. Muito impactadas com essa informação ficamos pensando que podíamos levá-los ao museu. Lembramos que o museu da Imaginação se localizava perto da escola e fazia muito sentido com o que trabalhamos o semestre todo com eles.	19/11 a 23/11	Meu Bairro	Repertório dos alunos	Relação dos alunos com o aprendizado (fora da aula)
89	Conseguimos organizar tudo para levar os alunos do grupo fixo da Silvio Xavier ao museu da Imaginação. Escolhemos ir de ônibus de linha com eles ao museu para mostrar que é possível fazer passeios com este sem grandes recursos. Os alunos se encantaram com a possibilidade de interagir com as obras de arte e tiveram uma experiência muito divertida e agregadora para suas vidas. Conseguimos ter a certeza disso em algumas das falas deles, como por exemplo, a aluna Monyely que falou: “Eu não quero nunca mais ir embora daqui” e o aluno Igor que disse “hoje eu estou realizando um sonho de ir em um museu”. Além das falas deles, podemos observar em suas expressões muita felicidade de estarem ali, o sorriso estampado no rosto esteve presente durante todo o passeio.	26/11 a 30/11	Meu Bairro	Dinâmica da aula	Relação dos alunos com a aula

90	<p>Os encontros foram muito satisfatórios. Cada grupo mostrou uma dinâmica, uma resposta e um produto. A oficina foi a mesma para todos, no entanto ocorreu e se desenhou de forma diferente, tanto nos debates quanto nos produtos. Essa diversidade de públicos com que trabalhamos mostrou um ponto importante, a oficina fluiu melhor quando desenvolvida com o público alvo inicial.</p> <p>Por fim, as oficinas foram muito importantes para nosso processo de formação como educadoras pois nos contemplou trabalhar com um pessoas de 12 à 60 anos. Dessa forma avaliamos todos os encontros como desafiadores e enriquecedores.</p>	<b>Como você avalia as oficinas/ cursos realiza dos até agora?</b>	Relatório de Governo aberto	Realização das atividades com o público alvo	Relação dos alunos com a aula
91	<p>O público se mostrou bastante satisfeito. Notamos que as pessoas se interessam muito por podcasts e pela discussão do tema Direitos Humanos. Ao final da oficina recebemos uma mensagem de um aluno com um feedback positivo. Segue:</p> <p>Muito obrigado, Andressinha! Gostei muito do curso, principalmente pelo MOTE...tem TUDO a ver com o nosso dia a dia, com nossa existência e tudo mais...</p> <p>[16:20, 18/12/2017] Por favor, me mantenha antenado com a vossa agenda, ok? Forte abraço a todas vocês!!!💎</p>	<b>O conteúdo apresentado despertou interesse do público e foi de fácil assimilação?</b>	Relatório de governo aberto	Feedb ack positivo	Relação dos alunos com a aula
92	<p>Não houve necessidade de alterar a proposta inicial somente adaptar alguns conteúdos devido a infraestrutura, no caso devido à falta</p>	<b>Houve necessidade de alteração</b>	Relatório de governo aberto	Desafios em relação ao tempo	Relação das educadoras com a aula

	do software livre instalado nos computadores dos telecentros. Outra mudança foi em relação ao tempo da última oficina, que era menor, foi necessário modificar algumas atividades para que desse tempo de ser concluída	<b>da proposta inicial de trabalho antes ou durante as oficinas?</b>			
93	O tempo foi bastante curto. Houve a necessidade de aumentar a duração, como foi o caso do curso da DRE onde fizemos 12 horas ao invés de 10 horas. Ou retirar algumas atividades previstas como foi o caso da oficina de dezembro	<b>A duração da oficina foi adequada para atender a proposta em termos de conteúdo e dinâmica com os participantes?</b>	Relatório de governo aberto	Desafios em relação ao tempo	Relação das educadoras com a aula
94	Os espaços eram adequados no entanto algumas vezes tivemos problemas com os equipamentos do espaço.	<b>Infraestrutura: os espaços reservados eram adequados às oficinas?</b>	Relatório de governo aberto	Desafios estruturais	Relações entre agentes institucionais e o projeto

95	<p>Nem sempre. No telecentro da Biblioteca Monteiro Lobato havíamos comunicado a necessidade de instalação do Audacity com um mês de antecedência, no entanto o técnico não executou o pedido. Outro problema encontrado foi na DRE Freguesia/Brasília, os professores precisavam converter os áudios de m4a para mp3 e não era possível. O computador bloqueia esse site simples e fundamental.</p>	<p><b>Os pontos de contato nos equipamentos, quando acionados, foram efetivos na solução dos problemas?</b></p>	<p>Relatório de governo aberto</p>	<p>Desafios</p> <p>Estruturas</p>	<p>Relações entre agentes institucionais e o projeto</p>
96	<p>Acreditamos que alguns sites possam ter menos restrições de acesso, outra melhoria é o atendimento técnico para instalação do programa requisitado ser concluído</p>	<p><b>Em que os equipamentos poderiam melhorar na recepção dos cursos e no apoio ao trabalho dos Agentes?</b></p>	<p>Relatório de governo aberto</p>	<p>Desafios</p> <p>Estruturas</p>	<p>Relações entre agentes institucionais e o projeto</p>

97	Em cada mês realizou-se a oficina com alunos da escola Lilian Maso de 12 a 13 anos. O segundo, com professores e o último com o cidadãos paulistanos com ensino superior completo	<b>É possível traçar um perfil do público participante?</b>	Relatório de governo aberto	Perfil dos alunos	Relação dos alunos na sociedade
98	Como a oficina foi elaborada para a faixa etária dos 13 anos ela funcionou melhor na primeira formação. Com os professores foi interessante por era uma oficina a ser replicada. No entanto, sentimos muita dificuldade no último grupo.	<b>Qual o grupo (por território ou faixa etária) respondeu melhor ao formato das oficinas e ao conteúdo proposto?</b>	Relatório de governo aberto	Perfil dos alunos	Relação dos alunos na sociedade
99	O primeiro mês a oficina foi direcionada e não precisamos de divulgação. No segundo tivemos um problema em relação a isso pois quem divulgou para a rede de professores foi a própria DRE Freguesia/Brasília. No entanto essa divulgação foi tardia e eles avisaram os professores selecionados na	<b>Como você avalia a divulgação das oficinas? O que poderia ser feito para melhorá-la?</b>	Relatório de governo aberto	D e s a f i o s e s t r u	Relações entre agentes institucionais e o projeto

	<p>segunda-feira 1 hora da madrugada, a oficina começou na segunda-feira às oito horas. Isso potencializou o esvaziamento. No último mês, tivemos um problema de comunicação com a Secretaria de Direitos Humanos pois em uma reunião presencial acordamos que eles fariam o material de divulgação, no entanto semanas depois nos mandaram e-mail pedindo a divulgação pronta. Não fizemos e enviamos um e-mail pedindo que eles fizessem. O material ficou pronto com antecedência e conseguimos divulgar. O que auxiliou foi estar inserida na programação da semana do Festival de Direitos Humanos da cidade.</p>			<p>t u r a i s</p>	
--	--	--	--	--	--

100	Sim. Na verdade pouco demandamos eles. Mas a comunicação com todos foi bem fluída. O maior problema foi antes de assinar o termo, pois ficamos com uma incerteza se o projeto aconteceria ou não, mas no final tudo deu certo.	<b>O Núcleo Operacional do Programa ofereceu o apoio necessário ao longo do ciclo?</b>	Relatório de governo aberto	Parceria	Relações entre agentes institucionais e o projeto
101	Não tenho do que reclamar, as tratativas foram excelentes. Não tivemos nenhum problema.	<b>Quais mudanças poderiam melhorar os fluxos na relação Núcleo - Agente ?</b>	Relatório de governo aberto	Parceria	Relações entre agentes institucionais e o projeto

10 2	Participamos de dois, com temáticas bem interessantes. O do mês de novembro foi especial, os debatedores foram excelentes, me agregaram muito, me fizeram refletir muito sobre a questão da participação social, de modo inclusive a adaptar a oficina do mês subsequente. O encontro de dezembro não conseguimos participar, pois estávamos em oficina no dia.	<b>Como você avalia os encontros formativos mensais realizados até agora?</b>	Relatório de governo aberto	Formação das educadoras	Relação das educadoras com a aula
10 3	Intenso, muito além das horas de oficinas. O trabalho incluiu preparação e articulação nos lugares onde faríamos as formações. Tivemos muito comprometimento, o que resultou de grandes elogios dos participantes o que foi extremamente gratificante.	<b>Como você avalia seu trabalho nestes meses?</b>	Relatório de governo aberto	Dinâmica do trabalho	Relação das educadoras com a aula
10 4	Trabalhar com uma diversidade de público, de região, faixa etária, grau de escolaridade foi desafiador mas mostrou que o programa de Agente de Governo Aberto cumpre seu papel de atingir cidadãos da cidade de São	<b>O Programa contribuiu para sua formação e trajetória?</b>	Relatório de governo aberto	Dinâmica do trabalho	Relação das educadoras com a aula

<p>Paulo. Essa experiência nos proporcionou uma troca e uma formação de mão dupla, não somente demos formações de Governo Aberto como recebemos formação. Cada momento do processo educativo é único e especial. Com certeza, essas trinta horas de experiência contribuíram tanto para minha vida profissional quanto pessoal. Apesar do edital ser feito para um agente nossa equipe decidiu trabalhar juntas. As colaboradoras foram peças chaves tanto para a elaboração quanto para a implementação do curso.</p>				
--	--	--	--	--

10 5	<p>Uma extensão maior do prazo para realização do trabalho. A nossa turma (Ciclo 2 de Agentes de Governo) foi extremamente prejudicada, com o curto prazo nos dado para execução. Sobretudo por incluir o mês de dezembro. E metade do primeiro mês (Outubro), tendo em vista que assinamos o termo véspera de um feriado (11.10) e até então estávamos como uma incerteza muito grande quanto a assinatura.</p> <p>A equipe do Governo aberto se mostrou muito solícita a receber nossas demandas e resolver os problemas.</p>	<b>Sugestões</b>	Relatório de governo aberto	Desafios com o tempo	Relação das educadoras com a aula
---------	---	------------------	-----------------------------	----------------------	-----------------------------------

Por fim, a próxima tabela quantifica as subcategorias que fazem parte de cada macro categoria.

**QUADRO 6 – LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DAS MACROCATEGORIAS E SUBCATEGORIAS**

Macro categoria	Total de casos em cada macro categoria	Subcategoria
Relação dos alunos com a aula	54	Interesse nas atividades; melhoria da autoestima reconhecimento sobre aula; entusiasmo; parceria; reconhecimento da aula; visões negativas; repertório dos alunos; reação positiva sobre a aula; reação positiva sobre o trabalho; efeitos do trabalho; dinâmica da aula; ideia dos alunos; fala dos alunos; ação da alunos reconhecimento positivo do trabalho; dúvida sobre a aula; ideia dos alunos; reconhecimento do projeto; replicação do trabalho; conscientização de direitos; mudança de ideia; envolvimento na atividade; reconhecimento do trabalho; respeito; reação positiva sobre a aula; realização das atividades com o público alvo Feedback positivo.
Relação da equipe escolar com o projeto	10	Parceria e replicação do trabalho
Relação entre alunos	5	Trabalho em equipe; dinâmica da sala de aula trabalho em grupo; consciência coletiva
Relação entre a escola e os alunos	1	Dinâmica da escola
Relação entre os alunos e o aprendizado (fora da aula)	9	Realidade social; repertório dos alunos; Ideia dos alunos
Relação dos alunos com as educadoras	6	Reconhecimento da aula; criação de laços; emoções e laços e relação conflituosa
Relação dos alunos com o aprendizado	5	Conscientização de direitos; conscientização de direitos e deveres
Relações dos alunos na sociedade	3	Contexto social; perfil dos alunos
Relação das educadoras com a aula	6	Desafios em relação ao tempo; formação das educadoras e dinâmica do trabalho
Relações entre agentes institucionais e o projeto	6	Desafios estruturais

## INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Para compreender a categorização e a interpretação de cada uma, nas próximas páginas serão feitas discussões, trazidos exemplos discutindo o que cada macro categoria significou.

### O NÃO DITO: A RELAÇÃO DE COMUNICAÇÃO QUE NÃO ACONTECE

A análise desses discursos nos traz uma reflexão acerca das relações de comunicação que não acontecem.

Uma das análises tidas logo após a discussão acima, diz respeito ao silenciamento de algumas relações interpessoais.

O relatório do Instituto Catalisador não apresenta como as educadoras se relacionam com o projeto, seus questionamentos e impressões.

A preocupação institucional de relatoria para os fomentadores do projeto deixou de lado as discussões acerca de como ocorre a relação entre as educadoras e o projeto. Os pensamentos, as bibliografias que podem ser incluídas e as indignações que podem ocorrer durante as aulas não são registradas.

Essas relações acontecem no cotidiano do trabalho, mas não se encontra em registros esse tipo de expressão. Apesar de ter sido construído coletivamente com toda equipe.

Vale a reflexão: Por que esses sentimentos, experiências e impressões não entram nos registros? A hipótese de que me valho é a falta de abertura com os financiadores. O projeto de alguma forma deveria estar bem avaliado, e trazer as reflexões reais sobre o cotidiano da escola pública poderia assustar ou diminuir os resultados positivos do trabalho do Catalisador. Por isso, acredito que toda equipe havia decidido não dar espaço a essas reflexões.

As reflexões aconteciam em reuniões, conversas e outros espaços do trabalho. No entanto, ao longo desses 105 relatos não houve espaço para o registro delas.

Outra categoria é como o aluno se relaciona com o Projeto Pontapé, o que ele sente e julga. Vale ressaltar que há documentos avaliativos que fazem essa interpretação, vídeos e relatório específicos, mas que, ao longo do cotidiano, não se medem e se registram esses sentimentos por meio dos relatórios.

Portanto, as relações de comunicação permeiam as relações de trabalho e marcam todos os

conflitos ali existentes. As relações de comunicação permitiram compreender como se estabelecem as múltiplas maneiras de os seres humanos se relacionarem através da comunicação.

## RELAÇÃO DOS ALUNOS COM A AULA

A macro categoria “relação dos alunos com a aula” visou reunir relatos que explicam a postura dos alunos frente às propostas, a dinâmica dos grupos, os conflitos e as impressões dos educandos.

Com a interpretação de um conjunto de relatos das subcategorias pode-se notar, retomando os 4 P’s da Aprendizagem Criativa, que o trabalho por projetos possibilitou o estímulo ao interesse dos alunos, alguns relatos explicitaram o entusiasmo e a curiosidade que encontrou-se. Outro conjunto de registros demonstrou que a partir da investigação dos alunos houve várias descobertas.

Outro ponto a ser destacado é o aprimoramento das técnicas, os alunos, ao longo do semestre, foram desenvolvendo suas habilidades e cada vez mais se arriscado nos projetos. Alguns relatos trazem ideias aprimoradas dos alunos, assim como se espera na Aprendizagem Criativa, quanto mais projetos forem desenvolvidos, mais ideias aprimoradas terão.

Outro ponto que foi encontrado nos relatos foi a melhoria da autoestima dos alunos, a hipótese é que a naturalização do erro, a permissão ao risco, o envolvimento e a paixão são pontos que foram trabalhados e podem estimular a autoestima. Outra contribuição são os registros audiovisuais, há histórias que demonstram o orgulho dos alunos quando se veem nos vídeos. Alguns relatos demonstram que os alunos gostam da aula e manifestam isso em falas e ações, mas apesar do interesse de uns, outros manifestam insatisfações. Alguns alunos acham a abordagem da Aprendizagem Criativa infantil, outros têm dificuldade de compreender as habilidades que estão sendo desenvolvidas, por isso em um relato o aluno se queixa da utilidade dos conhecimentos em sua vida. Isso é um apontamento que pode ser resolvido com a explicitação das intencionalidades pedagógicas para os alunos, as habilidades trabalhadas e os conhecimentos que serão apreendidos.

Um outro ponto que emergiu nos relatos foram cinco histórias com a subcategorias “mudança de ideias”. Nota-se que a postura das educadoras não é autoritária e que a dinâmica da aula

permite que os alunos tenham maior liberdade de escolha. Em alguns momentos eles não querem fazer a atividade e as educadoras podem permitir essa escolha, no entanto, nesses cinco relatos aconteceram uma mudança e os alunos que não queriam produzir acabaram se envolvendo e criando.

Para compreender a questão dos laços interpessoais que se cria pode se observar um relato. Os materiais fazem parte de um acordo importante pois são limitados e precisam ser cuidados por todos para preservá-los e oportunizar sua utilização por todos. Os alunos sabem disso, mas algumas vezes acontecem episódios de depredação dos materiais. No entanto a parceria de alguns alunos e a criação do respeito demonstram que eles compreenderam a importância coletiva dos materiais. O relato abaixo dá um parâmetro de como acontece:

*Em uma das aulas tiveram alunos que nos contaram que uma colega da mesma sala que eles haviam levado para casa materiais que usamos na nossa atividade, materiais como massinha, pilha e caneta. Nosso combinado com os alunos é o de que sempre ao final das aulas eles precisam devolver os materiais para que outras turmas também façam a atividade, portanto o combinado havia sido quebrado. Conversamos com eles sobre a importância da devolução dos materiais e sobre o respeito que eles precisavam ter entre eles e conosco também. Foi uma conversa muito importante e significativa.*

Esse relato demonstra como os alunos e os educadores criaram uma dinâmica de respeito. Apesar de determinado aluno ter levado materiais da aula embora, outros alunos se preocuparam em avisar as educadoras, que sempre falam sobre a importância de deixar os materiais. Outro aspecto a ser levantado é o diálogo que se retoma a partir da problemática. As educadoras retomar os pilares que são necessários para que as aulas sejam satisfatórias.

Um princípio da formação das educadoras na Educomunicação é a consciência de que os educandos não são meros receptores de conhecimento, mas que possuem um repertório de vida. As educadoras relatam várias histórias que explicitam o que os educandos trazem de repertório com a temática da Aprendizagem Criativa, alguns já tiveram aulas de robótica, outros fazem crochê, tricô.

Em relação ao repertório dos alunos, segue um relato registrado pelas educadoras.

*Os alunos têm muita dificuldade de se expressar e de formular respostas mais complexas.*

Essa interpretação faz parte de uma observação empírica das educadoras em relação ao repertório dos alunos, é a dificuldade que encontraram quando utilizaram-se da escrita para as aulas.

Outra dificuldade encontrada é em relação ao reconhecimento das profissionais como

educadoras. Segue o relato para exemplificar essa dificuldade:

*Um dos alunos disse que a gente não era professora e então resolvemos perguntar para a sala quem acha que a gente era professora e quem não achava. A maior parte da sala achava que a gente era professora. Os que não achavam falaram que éramos: "moças que passavam coisas legais, e professora só passa lição", outros falaram que éramos "amigas" e ainda nos chamaram de: "tias" e também teve o complemento de: "tias da reciclagem"*

Isso mostra que em alguns momentos pode haver problemas em relação à autoridade. A dificuldade do reconhecimento da figura de autoridade pode gerar conflitos em relação a isso. Dessa forma é importante que sempre retomemos o papel que estamos tendo em aula.

Um dos desafios que a sala de aula encontra é a imprevisibilidade dos acontecimentos. Em alguns momentos lidar com situações com questões distantes do conteúdo da aula mas que permeiam a existência dos sujeitos e as relações sociais que estão inseridos requer maleabilidade e repertório. O relato a seguir é um exemplo dos desafios que pode-se encontrar em aula.

*Um menino estava incomodando uma aluna, ele sentou no colo dela, pegou no cabelo e ela estava incomodada. A educadora interveio e o aluno parou. Um tempo depois ela foi conversar com ele sobre a importância de respeitar o corpo do outro, de não tocar ou invadir o espaço de uma mulher. No fim da aula a professora perguntou "Hoje você aprendeu a conquistar uma mulher?" e ele respondeu "conquistar eu já sei, aprendi a respeitar!"*

Dois livros que são as bases teóricas para os desafios de machismo que encontram são o "Sejamos todas feministas" e "Para educar crianças feministas" ambos manifestos da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em relação ao relato acima segue uma citação que respalda a importância de estimular o respeito dos alunos:

Se, por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro, elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões. Em todos os lugares do mundo, existem milhares de artigos e livros ensinando o que as mulheres devem fazer, como devem ou não devem ser para atrair e agradar os homens. Livros sobre como os homens devem agradar as mulheres são poucos. (ADICHIE, 2010, p. 28)

A partir dessa citação é importante lembrar o papel de educadores na sala de aula, a desconstrução de papéis de gêneros, o respeito à diversidade são bases que permeiam a educação e devem ser estimuladas e repensadas por educadores.

Dessa forma o pensamento da formação cidadã vai além das abordagens tecnicistas que os estudos da educação podem oferecer, é importante se munir de reflexões para tentar utilizar as experiências em sala como um ambiente de ensinamentos de vida.

Os próximos dois relatos demonstram a importância da escuta das educadoras. O primeiro descreve que as alunas estavam insatisfeitas com uma atividade e a partir da fala delas houve um replanejamento:

*Quando estávamos explicando como seria a atividade para a sala e falamos que era para construir o bairro deles, o caminho da casa deles até a escola, uma das alunas perguntou: “Mas a gente vai fazer isso de novo?” E uma das Catalisadoras respondeu: “A gente nunca fez essa atividade antes.” E a aluna comentou: “Eu já fiz essa atividade na 2ª série” Obs: A partir dessa colocação da aluna, na nossa reunião de planejamento repensamos esse novo ciclo e fizemos algumas alterações para deixar mais divertido para eles essa atividade.*

Portanto destaca-se a sensibilidade da escuta do grupo de educadoras. O próximo relato é sobre grupo fixo da escola Carlos Lacerda. Ele é um grupo de alunos retidos e que possuem um grande desinteresse em aprender. Dessa forma os desafios relatados a seguir demonstram a importância de ouvir e moldar atividades de interesse coletivo para tentar resgatar a paixão pelo conhecimento. Por isso cada encontro foi pensado para trabalhar o pilar da Paixão.

*No começo das atividades com o grupo fixo da tarde na Carlos Lacerda, estava sendo difícil fazer com que os alunos se interessassem pelas atividades propostas. Em um dos dias de atividade descobrimos que eles queriam mexer com massinha e então no encontro seguinte levamos ingredientes para eles fazerem suas próprias massinhas. Nessa atividade os alunos se envolveram muito e gostaram bastante da atividade. Eles nos falaram que queriam muito fazer slime (uma geleca parecida com massinha). E então nessa semana, resolvemos fazer slime com eles. Novamente eles se envolveram muito com a atividade e saíram muito satisfeitos de lá. Perguntamos novamente para eles o que eles gostariam de fazer no próximo encontro e eles disseram que gostariam de fazer argila, então faremos essa atividade com eles. Descobrimos que em atividades muito mão na massa como essas são atividades que os encantam e resolvemos seguir perguntando para eles o que eles gostariam de fazer, para mantê-los envolvidos em nossas atividades.*

Com essa decisão sobre o estímulo à paixão houve um resultado positivo.

O relato abaixo descreve o encerramento do grupo fixo da escola Silvio Xavier que diferentemente dos grupos fixos da escola Carlos Lacerda, era realizado no contra turno e integrado por poucos alunos, muito interessados.

Devido aos financiamentos privados, o relato a seguir mostra uma ação que as educadoras organizaram com o grupo fixo da Silvio Xavier, possibilitado por esse capital.

*Conseguimos organizar tudo para levar os alunos do grupo fixo da Silvio Xavier ao museu da Imaginação. Escolhemos ir de ônibus de linha com eles ao museu para mostrar que é possível fazer passeios com este sem grandes recursos. Os alunos se encantaram com a possibilidade de interagir com as obras de arte e tiveram uma experiência muito divertida e agregadora para suas vidas. Conseguimos ter a certeza disso em algumas das falas deles, como por exemplo, a aluna Monyely que falou: “Eu não quero nunca mais ir embora daqui” e o aluno Igor que disse “hoje eu estou realizando um sonho de ir em um museu”. Além das falas deles, podemos observar em suas expressões muita felicidade de estarem ali, o sorriso estampado no rosto esteve presente durante todo o passeio.*

Por fim, dentro da macro categoria foram classificados dois relatos do relatório de Governo Aberto. O primeiro ressaltou a importância de aplicar o curso Edu com DH com o público alvo a quem foi pensado. E a segunda foi o *feedback* positivo que receberam em relação à temática dos Direitos Humanos. É importante retomar que a Educação em direitos Humanos oferece a possibilidade de construir uma consciência de valores e sensibilidade aos seres humanos, pontos importantes a serem trabalhados na conjuntura atual.

## RELAÇÃO DA EQUIPE ESCOLAR COM O PROJETO

No conjunto de relatos que foram categorizados como “relação da equipe escolar com o projeto” emergiram algumas considerações que se encontram nos relatórios do Instituto Catalisador e na experiência de Governo Aberto.

Alguns professores tentaram replicar as atividades de Aprendizagem Criativa que são desenvolvidas no Projeto Pontapé. Uma dificuldade que se nota no relato é o envolvimento da equipe de educadores nos projetos:

*A maioria dos professores substitutos quando estão na sala com a gente não ficam muito atentos às nossas atividades, não participam com os alunos das construções e discussões. Normalmente eles ficam em pé na porta ou sentados muito perto da porta. Muitas vezes dando a impressão de que querem ir embora logo.*

Segundo os pilares da Aprendizagem Criativa a parceria é uma estrutura importante para a consolidação das práticas. Com a dificuldade de alcançá-las aumentam as dificuldades de

naturalizar as ações no cotidiano escolar. A parceria com educadores visava estabelecer uma relação que fosse além das nossas atuações.

Já na experiência do edital de Governo Aberto notou-se que houveram dificuldades técnicas devido à falta de apoio profissional do entorno, problemas com instalações simples de *softwares* e uma questão na divulgação das oficinas.

Conclui-se, portanto que em ambas as experiências tiveram dificuldades na parceria com os indivíduos que estavam sendo trabalhado.

## RELAÇÃO ENTRE ALUNOS

Nos relatos do Instituto Catalisador nota-se que os alunos se tratam com violência:

*Um grupo estava discutindo sobre como fazer a apresentação para os professores e durante essa conversa uma menina deu um tapa em um menino e uma outra menina falou para a primeira menina: “Isso não é trabalhar em grupo, você não pode fazer isso”.*

Mas em contrapartida esse e outros relatos também demonstraram que os alunos gostam de trabalhar em grupo e tem aprendido como fazer isso. A preocupação coletiva, o cuidado em ouvir o outro, elogios e incentivo aos colegas foram relatados.

## RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E OS ALUNOS

No Projeto Pontapé, na escola Silvio Xavier ocorreu o seguinte acontecimento:

*O diretor de uma das escolas entrou em uma parte da nossa aula para fazer uma roda de conversa, uma nova estratégia utilizada pela escola para ouvir os estudantes.*

Portanto a escola vem tentando utilizar novas práticas pedagógicas e estimular o diálogo entres os alunos e a escola.

## RELAÇÃO ENTRE O ALUNOS E O APRENDIZADO (FORA DA AULA)

Os estudantes chegam algumas vezes com déficits de aprendizado. O relato abaixo exemplifica um problema encontrado algumas vezes durante a atuação:

*Através de uma atividade de escrita descobrimos um estudante do 6º ano que não sabe ler e*

*escrever, ele disse que apenas copia as palavras da lousa ou caderno de colegas e nos pediu ajuda pois gostaria de aprender.*

A partir desse diagnóstico foram levadas as questões às educadoras responsáveis pelas estagiárias e enviado o problema para a equipe da escola. Foi importante compreender que existem questões que estão intrínsecas a sala de aula, mas algumas resoluções não cabem às educadoras-estagiárias.

Por outro lado, relatos sobre o que os alunos sabem e como transpõem os ensinamentos em aula são encontrados. Isso demonstra a aplicabilidade possível das habilidades trabalhadas na Aprendizagem Criativa.

## RELAÇÃO DOS ALUNOS COM AS EDUCADORAS

Nessa macro categoria se retoma as dificuldades do reconhecimento das educadoras como profissional. Em *Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar*, Freire discute os problemas que carregam quando não se utiliza o termo professora. Existe uma carga política que necessita de uma reafirmação do papel que educadores têm. A utilização de por exemplo “tia” auxilia no sucateamento das políticas em relação aos direitos das educadoras. Dessa forma o reconhecimento do papel de educadora é uma posição política e deve ser constantemente afirmada no cotidiano.

Os dois relatos a seguir demonstram como os laços afetivos podem criar um diálogo genuínos entre educador e educando.

*Uma educadora compartilhou um trecho de um livro que estava lendo sobre educação, pois, estávamos conversando com os alunos sobre direitos e deveres e a educadora achou apropriado aquele trecho para o momento. E ao final da aula uma aluna agradeceu pelo compartilhamento.*

O diálogo pode auxiliar no estímulo à autoestima dos educandos:

*Um aluno que geralmente é super empolgado com nossa aula comentou com uma catalisadora que ele era burro. Ela olhou nos olhos dele e disse que ele não era. Os dois começaram a conversar e a catalisadora descobriu que o aluno tinha muita dificuldade em ler e ele se queixou de não conseguir ler os textos da prova de português rapidamente e por isso ele está de recuperação. A catalisadora conversou muito, disse que ele não é burro e que cada aluno tem um jeito de aprender, ela o orientou a conversar com a professora de português para ampliar o jeito de avaliação. No final o aluno disse que tinha ficado emocionado por ouvir que*

*ele é diferente, mas não é burro.*

O reconhecimento e a expressão dos sentimentos positivos em relação às disciplinas foram relatados:

*No grupo do contraturno da Silvio estava chovendo muito e os alunos faltaram, no entanto, um aluno chegou um pouco atrasado. Quando terminou a aula a educadora agradeceu de ele ter comparecido e ele disse; “Eu que tenho que agradecer por vocês me darem a oportunidade de ter uma aula assim”.*

Os três relatos demonstram que os laços entre educadoras e educando criam pensamentos de valorização do aluno, reconhecimento positivo sobre a aula, conversas verdadeiras sobre pensamentos. Dessa forma, acredito que a humanização dos papéis na estrutura escolar pode criar um ambiente de troca e fortalecimento das relações.

Conclui-se que é importante reafirmar os papéis da sala de aula sem esquecer de demonstrar que alunos e educando são sujeitos singulares, isso pode ajudar a humanizar o espaço escolar, criando diálogos que estimulam sentimentos e empatia.

## RELAÇÃO DOS ALUNOS COM O APRENDIZADO

O Projeto Pontapé teve um resultado positivo quando conversou sobre os direitos e deveres com os alunos. Segue o relato sobre o acontecimento.

*Durante uma roda de conversa sobre direitos e deveres, os alunos se queixaram sobre a postura de um professor em sala de aula. A partir do entendimento de que poderiam lutar por seus direitos se organizaram para conversar com a direção sobre a postura do professor, fizeram abaixo assinado e uma reunião organizada com a diretora.*

A consciência sobre os direitos e deveres levou o grupo a sentir que com organização, podiam requerer melhorias. Possibilitou a transformação dos mesmo em agentes transformadores da realidade, o conceito de *Agency*. De alguma maneira perceberam que juntos tinham como interferir na lógica da estrutura opressora ao qual estavam naturalizados. Esse caso serve de argumento para contrapor o que um aluno questionou:

*Um aluno nos questionou se escrever sobre direitos e deveres nos levaria a algum lugar, já que nada muda no ambiente escolar.*

Portanto uma educação em Direitos Humanos auxilia na tomada de consciência de direitos no cotidiano, como o simples direito de um aluno ser respeitado.

## RELAÇÃO DOS ALUNOS NA SOCIEDADE

Um relato a ser destacado segue abaixo:

*Uma aluna veio nos mostrar que o dente dela estava quebrado e necrosado por dentro e disse que o pai dela não tinha dinheiro para levá-la ao dentista, mas que estava doendo muito.*

Os problemas de estrutura social transpassam a rotina escolar. As educadoras do projeto Pontapé lidaram com essas questões diariamente. Mais uma vez o que se pode fazer é orientar o educando para sanar esse sofrimento, isso é o que está ao alcance das educadoras.

Outro ponto a ser discutido foi a experiência de Governo Aberto realizado com o grupo misto de educando que foi aplicado na 5ª semana de Direitos Humanos da cidade de São Paulo. Houve muita dificuldade, pois o grupo era muito diverso em perfil e formação, os desafios foram grandes para alinhar as expectativas. A complementação desse relato se dá devido a diversidade de conhecimentos prévios que os educandos carregaram e aos diversos perfis socioeconômicos. Nessas oficinas lidamos com jornalistas formados, pessoas em situação de rua, jovens e idosos, essa variedade de perfil pode ser enriquecedora quando se tem conhecimento de que as oficinas serão com essa diversidade, no entanto sem o aviso prévio as dificuldades aumentaram.

## RELAÇÃO DAS EDUCADORAS COM A AULA

As educadoras relataram que no edital Governo Aberto encontrou-se uma falta de estrutura de materiais, *softwares*, atrasos devido a estrutura organizacional dos equipamentos cultura. Esse acúmulo de preocupações aumentaram o trabalho das educadoras, que acabaram por executar tarefas muito além do previsto.

Um ponto positivo que foi encontrado foram as formações que o edital previa. Isso auxiliou no entendimento da importância das formações, do edital e as bases epistemológicas que ancoram o edital.

## RELAÇÕES ENTRE AGENTES INSTITUCIONAIS E O PROJETO

Os problemas estruturais foram encontrados no relatório de Governo Aberto. Outra questão relatada foi um problema de esvaziamento nas oficinas para professores da Diretoria Regional de Ensino Brasilândia/Freguesia, que não foram avisados sobre a confirmação da vaga, e

ocorreu um esvaziamento significativo no primeiro encontro. A partir do segundo, outros educadores iniciaram, mas já haviam perdido um dos três encontros que fazem parte do curso. O edital também teve um problema inicial, pois em determinado momento houve o perigo de haver o cancelamento do mesmo. O tempo para a realização do curso foi curto e por isso as educadoras tiveram dificuldade de aplicar com calma.

## CONCLUSÃO

Durante minhas experiências em sala de aula, pude questionar a realidade na qual eu estava inserida através de discussões acadêmicas. A compreensão das diferentes relações de comunicação em sociedade se deu através de estudos teóricos. Portanto, entendo que a sociedade se estrutura em uma relação de poderes e privilégios, sendo esse o princípio da organização capitalista segundo a interpretação de Pierre Bourdieu. A hierarquização das classes sociais presentes resulta nas desigualdades. A base da hierarquização é resultado das relações econômicas, simbólicas e sociais. Dessa forma, as desigualdades se dão nas diferenças de volume de capital e refletem na posição que um grupo ocupa na estrutura (SETTON, 2016). O sujeito inserido nessa estrutura tem sua subjetividade construída através da diversidade de vozes que ouve durante sua experiência de vida. A construção dos valores, ações, padrões e práticas resulta na subjetividade do sujeito. Esse conceito não é linear, mas espiralado, ou seja, a significação e ressignificação que o sujeito dá aos diversos discursos resulta de forma dialética no que ele perpetua (BACCEGA, 2010).

Segundo Freire “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos.” (1969, p.44 )

Portanto, a individualidade não é, dessa forma, única de um ser, mas o resultado de inúmeros dizeres, visões de mundo e experiências cotidianas que constitui o sujeito.

A expressão da subjetividade, através do campo da comunicação - emissor e receptor - cria de forma dialética a construção dos eu's presentes na sociedade.

Portanto, educador e educandos são sujeitos sociais, e têm sua subjetividade constituída de maneira polifônica.

É esse indivíduo/sujeito que pertence a uma família, a um grupo social, a uma raça, a uma classe social, a uma nação, a um Estado, que, de um lado, vai produzir a “mensagem” do meio de comunicação e, de outro, vai recebê-la, “lendo-a” de acordo com seu universo. (BACCEGA, 2010, p.22)

Entre o sujeito e a sociedade há uma relação de construção dialética da cultura, do modo como o pensamento se constitui, assim como valores hegemônicos. Dentro de um período histórico a classe predominantemente econômica, aquela que controla a produção material, é aquela que detém o pensamento hegemônico e detém a consciência social de determinado grupo.

Esse pensamento carrega a ideologia e valores sociais, que permeiam as relações entre sujeitos e sua afirmação na sociedade. As preferências, os julgamentos, a aceitação ao determinado grupo e toda a estrutura social. (DANTAS, 2008)

A ideologia é os óculos que as pessoas colocam para enxergar no mundo, é através desses óculos que a forma de pensar, os julgamentos, as práticas são legitimadas.

O que nela se expressa é a necessidade de produzir, sob a forma de ideais e representações, a adequação entre as condições objetivas e subjetivas da existência dos próprios indivíduos socialmente determinados (DANTAS, 2008, p. 94)

A ideologia é perpetuada pela palavra e discursos presentes na realidade cotidiana. São essas relações e impressões sobre o mundo que determinam as características culturais de determinado grupo em um tempo histórico (MOTTER, 2010).

Segundo Fígaro (2011, p. 97) “O ser humano constrói e é construído no e pelo processo cultural. É produtor de cultura e é produto da cultura”.

Portanto, o ser humano está inserido nessa lógica do capital, produzindo e reproduzindo um jeito de viver. O que se espera, contudo, segundo Freire (1969) é que a educação possibilite o processo de libertação do homem frente às estruturas sociais que estão dadas. Dessa forma, encontra-se na educação uma “válvula de escape” para discutir sobre os paradigmas sociais. Para o autor a educação não pode caminhar no sentido de restringir o pensamento e moldar os sujeitos. A educação como prática da liberdade é uma ação que requer troca entre educador e educando. Não é uma transferência de conhecimentos, mas uma troca humana que possui uma importância para todos os envolvidos.

Com os cinco anos de vivência educacional aprendi e vivenciei inúmeros desafios e relações. Encontrei na sala de aula um ambiente de troca, busquei dialogar e crescer com os alunos, pois com a base teórica a qual me respaldo pude compreender os processos educacionais como uma possibilidade de liberdade dos seres humanos. Essa liberdade não fica restrita aos educandos, diz respeito a consciência que criei como educadora, repensando o mundo através

das vivências e da escuta.

Escrever esse Trabalho de Conclusão de Curso possibilitou que eu tirasse de mim uma culpa por não conseguir lidar com todos os desafios que se apresentaram a mim; percebi que minhas práticas estão ancoradas por muita teoria; revisitei as memórias e pude interpretar o que as histórias significaram. Enfim, minha trajetória como educadora foi além dos ensinamentos teóricos que encontrei na acadêmica, eles foram importantes para nortear minhas práticas.

A práxis comunicativa foi a base da minha formação, viver e estudar minhas vivências têm sido uma importante forma de me entender como educadora.

Concluo que minha formação na Licenciatura em Comunicação foi uma educação libertária e me auxiliou a compreender e questionar o mundo e as relações humanas que se apresentam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADICHIE, C.N. **Para educar crianças feministas: Um manifesto**. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

ADICHIE, C.N. **Sejamos Todos Feministas**. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

BACCEGA, M.A. **O gestor e o campo da comunicação**. In: BACCEGA, M.A.; COSTA, M.C.C. (Orgs). *Gestão da comunicação - epistemologia e pesquisa teórica*. Paulinas, São Paulo. 2010.

BARBERO, J.M. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação**. In: CITELLI, A; COSTA, M.C.C. (Orgs). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. Paulinas, São Paulo. 2011

BENEVIDES, Maria Victoria. **Educação em Direitos Humanos: de que se trata?** Palestra de abertura do Seminário de Educação em Direitos Humanos. Universidade de São Paulo, São Paulo, 18 de fevereiro de 2000.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em - educação uma introdução à teoria e aos métodos**. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/albinonunes/disciplinas/pesquisa-em-ensino/investigacao-qualitativa>> Acesso em 25 de janeiro de 2019.

CAMARGO, R.J.; LEDERMAN, S. K, FRIEDMANN. **Projeto Hora de Agir, Tempo de Construir**. São Paulo. 2018.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Editora Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 1969.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 1985.

FIGARO, R. **Estudos de recepção para a crítica da comunicação** In: CITELLI, A; COSTA, M.C.C. (Orgs). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. Paulinas, São Paulo. 2011.

GALLO, J.S. **Educomunicação e Direitos Humanos: Um caminho necessário**. A Educomunicação no Plano Municipal de Educação em Direitos Humanos da Cidade de São Paulo. São Paulo. 2018.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir. A Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JOSSO, M.C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. 2007. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf)>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

MOTTER, M.L. **Campo da comunicação: cotidiano e linguagem**. In: BACCEGA, M.A.; COSTA, M.C.C. (Orgs). *Gestão da comunicação - epistemologia e pesquisa teórica*. Paulinas, São Paulo. 2010.

NÓVOA, A.. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3703>>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

OLIVEIRA, S. A. M. *A teoria geracional dos direitos do Homem*. Pouso Alegre. 2010. Disponível em: <[http://www.theoria.com.br/educacao0310/a teoria geracional dos direitos do homem.pdf](http://www.theoria.com.br/educacao0310/a%20teoria%20geracional%20dos%20direitos%20do%20homem.pdf)>. Acesso em 25 de janeiro de 2019.

PASSEGGI, M.C; SOUZA, E.C.; VICENTINI, P.P. **Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a17.pdf>>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

REBECHI, C.N; FIGARO, R. **A comunicação no mundo do trabalho e a comunicação da organização: duas dimensões distintas**. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 12, n. 24, 2013.

RESNICK, M. Give P's a chance: Projects, peers, passion, play. In: **Constructionism and creativity: Proceedings of the Third International Constructionism Conference**. Austrian Computer Society, Vienna. 2014. p. 13-20. Disponível em: <[http://constructionism2014.ifs.tuwien.ac.at/papers/1.2\\_1-8527.pdf](http://constructionism2014.ifs.tuwien.ac.at/papers/1.2_1-8527.pdf)>. Acesso em 25 de janeiro de 2019.

RESNICK, M. Tudo o que eu realmente preciso saber (sobre o pensamento criativo) eu aprendi (estudando como as crianças aprendem) no jardim de infância. In: **Anais da 6ª conferência da ACM SIGCHI sobre Criatividade e cognição**. ACM, 2007. p. 1-6. Disponível em: <<https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1254961>>. Acesso em 25 de janeiro de 2019.

SETTON, M.G.J. *As práticas de cultura* In: **Socialização e cultura- ensaios teóricos**. Editora Annablume. São Paulo. 2016

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação. O conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas. 2011

SOARES, I.O. **Educomunicação: um campo de mediações**. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set/dez 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>>. Acesso em: 09 de setembro de 2018.

SOARES, I.O. **Plano de leitura e pesquisa**. Disponível em: <[https://issuu.com/abpeducom/docs/livro\\_educom\\_-\\_paginas\\_em\\_sequencia](https://issuu.com/abpeducom/docs/livro_educom_-_paginas_em_sequencia)>. Acesso em 20 de setembro de 2018.

SOARES, I.O. **Educomunicação: um campo de mediações**. *Comunicação & Educação*, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2002.

LEONEL, A. A.V. **Vinte anos da pesquisa perfil: quem é o educador nos dias de hoje.** São Paulo. 2018.

LUZ, T.G.C. **Laços de cidadania.** São Paulo, 2017.